AVEIRO, 27 DE ABRIL DE 1974 • ANO XX • NÚMERO 1009

SEMANÁRIO

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel.22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

ACONTECEU *em* ÁFRICA

PERIPÉCIAS DE UMA COMISSÃO MILITAR

DR. ARAÚJO E SÁ

18. NO "BAR CANDOMBO"

No meu deambular nocturno, vadio e a más horas — de que sempre, aliás, precisei, para esquecer o dia-a-dia das andanças militares —, caí no «Bar Candombo» por mero acaso. O nome fora herdado do local onde estava situado. Do Candombo, afinal, o maior musseque das cercanias de Carmona, a dois passos da cidade, onde milhares de negros se misturam e comprimem em tremenda, barulhenta e desordenada confusão. Musseque igual a tantos, sempre iguais no sangue negro, sem o qual um musseque não seria coisa alguma.

Cubatas quadradas de barro amassado, toscamente besuntadas de branco; tetos de chapa de zinco ou de colmo ressequido pelo Sol; becos tortos de terra batida; negros indolentes fumando cachimbo; negras de olhar vivo e peitos adornados por missangas; um som morno de viola; um cantar dolente; um tambor em jeito de batuque; uma dança a cada esquina; um postigo iluminado por coto de uma vela; garrafas vazias perdidas pelo chão; roupa dependurada em pedaços de cordel; um monte de lixo além; um par de namorados; um sorriso provocante; um olhar indecifrável; uma praga. África, afinal, com tudo aquilo, castiço e singular, que só ela tem. Ali, encostado ao musseque, quase dentro dele como filho nas entranhas da mãe negra, o «Bar Candombo». Amplo, desordenado, barulhento, apinhado de negros, um bafo, afinal, do musseque imenso que lhe dera o nome. Melhor, talvez: que o dera à luz! Ao baloão, lidando com copos, chávenas, cálices e pratos, o proprietário: o Cezar Ferreira, velha glória do foot-ball benfiquista, que tantas vezes temi ao vê-lo defrontar,

Continua na página 2

GLOSAS MARGINAIS

DR. FREDERICO DE MOURA

● Se tivesse de propor um motivo emblemático para símbolo do nosso tempo — deste «nosso tempo» que, concomitantemente, inspira ditirambos e solicita coices ferrados — eu escolheria uma dessas monstruosas máquinas «catrapiladoras» que erguem a pata insensível de ferro e são capazes de arrazar, com a mesma soberana indiferença, o mercado do Bolhão e a Sé Velha de Coimbra.

Creio que nada poderá significar mais expressivamente o «nosso tempo» do que um desses monstros de aço, repugnantes no perfil e cegos na função, que, impiedosamente, achatam a fachada seiscentista ou a habitação de estilo banqueiro, sem discernir a beleza da estupidez, com a mesma fria indiferença mecânica.

Há muito boa gente (e não vale a pena citar autores) que tem identificado a história da civilização com a história das técnicas, coisa a que sempre opus os meus «poréns» frenadores, certo, como estou, de que existem, entre elas, umas diferenças subtis que se lêem,

Continua na página 3

PALAVRAS LAPIDARES SOBRE UM LAPIDÁRIO DA PALAVRA: D. JOÃO EVANGELISTA

Na sessão solene, realizada no Teatro Aveirense na noite de 2 do corrente, integrada nas comemorações do I Centenário do Nascimento de D. João Evangelista de Lima Vidal, a biografia e o elogio do homenageado foram feitos, conforme já aqui oportunamente noticiámos (e magistralmente, como aqui também já dissemos e se vê da passagem que segue) pelo Vigário-Geral da Diocese de Aveiro MONS. ANÍBAL RAMOS.

/.../ Tratando-se de uma homenagem feita por iniciativa e em nome quer da Diocese quer do Município Aveirense, os seus objectivos pairam muito acima de qualquer partidarismo pessoal ou preconceito ideológico e visam tão-somente honrar um Homem que foi aveirense de berço e coração, escritor inconfundível que já é transcrito nas páginas de antologia da literatura portuguesa, e Bispo exemplar, porventura «um dos grandes Bispos do nosso século», como o classificou D. Frei Francisco Rendeiro na oração fúnebre que proferiu na Sé de Aveiro, a 5 de Fevereiro de 1958.

Honrar um Homem simples, bondoso, inteligente, culto, desprendido, acolhedor, sensível, não é favor que se faz, mas justiça que se presta; não é condescendência com as convenções da sociedade estabelecida, mas respeito pelos valores fundamentais de toda a comunidade humana; não é só reminiscência saudosa do passado, mas também — e sobretudo — descoberta, nele, de coragem para construir o presente e de perspectivas válidas para preparar o futuro. Mesmo a quem não tenha razões nem sentimentos para honrar o Bispo, sobram motivos para admirar o Homem que, para servir os homens, seus irmãos, correspondeu modelarmente à sua vocação de Padre e não recuou sequer perante a cruz de Bispo — cruz que, apesar de pequena na aparência e de brilhante na cor, pesa e aflige muito mais do que o báculo prateado do Pastor e a mitra preciosa do Pontífice.

Efectivamente, D. João Evangelista foi um Homem que nasceu da nossa gente e nesta cidade, ao que ele mesmo supunha «na proa de alguma bateira»; que foi «baptizado à mesma hora nas águas da nossa Ria»; a quem se abriram os «ouvidos ao som cadenciado dos remos no mar, ao pio estrídulo das famintas gaivotas, ao praguedo inocente dos pescadores»; cujo peito se encheu, «à nascença, do ar salgado da maresia»; Homem «plasmado de Aveiro,

Continua na página 5

II FESTIVAL DA CANÇÃO DO ILLIABUM CLUBE

Ficou registado na memória de quantos a ele tiveram o feliz ensejo de assistir o «I Festival da Canção» promovido pelo tão prestigiado Illiabum Clube: foi em 2 de Novembro do ano passado. Pois já em 31 do próximo mês de Maio, novo Festival, igualmente por iniciativa do Illiabum, se realizará na próxima e ridente vila ilhavense. O respectivo Regulamento foi impresso e distribuído — podendo ainda os interessados solicitá-lo no Clube, pois que a entrega de originais das canções concorrentes poderá ser feita ainda até às 24 horas de 29 do corrente, depois de amanhã.

Desde já podemos adiantar que os consagrados artistas Carlos Alberto e Maria do Amparo serão especial atracção do «II Festival da Canção do Illiabum Clube».

VAMOS VER ARTE DE JOVENS

Encerrada há dias, na já tão prestigiada (ainda que novel) Galeria «A Grade», a exposição de trabalhos dos artistas aveirenses irmãos Helder e Jeremias Bandarra e Júlio Lemos — que tão assinalado êxito obteve e oportunamente anunciámos e apreciámos —, vamos ter o ensejo de ver ali, de 11 a 25 de Maio próximo, mais uma «colectiva» nas produções artísticas (óleos, guachos, colagens, poesia ilustrada, pastel, bronzes e cerâmicas) de vários jovens, entre eles: Fernando José Morgado, Angelo Correia, Zero, Vila, José Vaz, Luís Regala, Henrique Vaz Duarte, Pedro Martins Pereira, Alfredo Abreu, Carlos Pereira. Alguns deram já mostras inequívocas dos seus méritos, sendo, assim, de esperar mais um sucesso da Galeria pelo sucesso dos artistas, com o acréscimo, que se espera, de novas revelações. A gravura reproduz um belo bronze de Fernando José.

ASPECTO TROPICAL

ENQUANTO no velho Portugal metropolitano as pessoas se agasalham, olvidando o começo da idílica estação primaveril, o habitante de Luanda procura na praia o sossego repousante que o alivie das agruras do astro-rei. Nesta época do ano em que, teoricamente e com base na data pré-estabelecida do começo do Cacimbo a 15 de Maio, deveria haver uma diminuição de temperatura, a Natureza pregou mais uma partida. Efectivamente, o calor e a humidade que, aliando-se, por vezes quase nos sufocam, superam os engenhos técnicos do homem.

Assim, logo às primeiras horas das manhãs de Domingo, longas filas de automóveis — ainda não sentimos cá a falta (?) de gasolina — tomam o rumo da Ilha de Luanda, percorrendo a bela e côncava marginal, cartão de visita desta cidade.

Um pouco mais distante, fica a ilha do Mussulo, panorama inolvidável de beleza e cor. Ali, integrados numa paisagem que — perdoem-me os mais cépticos — nada fica a dever ao quadro paradisíaco das ilhas do Hawai ou do Taiti, o sonho confunde-se com a realidade. As praias, entrecor-

Continua na página 3

de Angola escreve TINO MOREIRA

BOMBEIROS DO DISTRITO DE AVEIRO

Lema a romper fronteiras: «/.../ um só, para melhor servir a todos».

Em 23, 24 e 25 de Março transacto, a «Associação Viseense de Bombeiros Voluntários» comemorou o seu 88.º aniversário. A prestante corporação quis ter a seu lado, naqueles dias festivos, representantes dos «Bombeiros do Distrito de Aveiro», no deliberado intuito de fomentar mais proveitoso intercâmbio entre as corporações beiraltinas e as aveirenses, porventura até numa comum adopção da normativa estatutária que há muito rege, em união, os 26 corpos de Bombeiros do nosso Distrito. Convidado para proferir uma palestra na sessão solene de 24, o Presidente da Comissão Directiva e Executiva dos B.D.A., depois das palavras introdutórias do Presidente da Assembleia Geral da aniversariante, Dr. José Alberto Rodrigues, intentou justificar a utilidade da abolição de todas as «fronteiras» entre Bombeiros de dois Distritos vizinhos e amigos, no desenvolvimento do tema «Fronteiras num Voluntariado sem fronteiras». A sessão presidiu o Governador Civil de Viseu, Eng.º Armínio Quintela, que deu a direita ao Chefe do Distrito de Aveiro, Dr. Horácio Marçal, — este, ali, por sua espontânea e simpática determinação. Ambos, no final, acentuaram eloquentemente a valia duma perfeita coesão, em todos os domínios, entre as contíguas terras beirãs e litorâneas. De Aveiro, presentes ainda, além de outras individualidades: os Presidentes das Mesas de Encontros dos B.D.A., das Direcções e dos Comandos, respectivamente, Dr. Faria Gomes e Eng.º João Barrosa; o Secretário da Mesa de Comandos, Comandante Neves dos Santos; o Eng.º Branco Lopes e Manuel Rigueira, respectivamente Presidente da Direcção dos «Bombeiros Velhos» e Ajudante do Comando dos «Bombeiros Novos»; e o antigo Presidente do Município aveirense, Dr. Artur Moreira. No jantar de confraternização, em 23, no decurso do qual foi proclamado o Dr. Esteves Correia (nome bem conhecido dos Bombeiros Portugueses, particularmente a partir do Congresso-72, que tão proficuamente organizou) para superiormente presidir à preconizada orgânica distrital das corporações de Viseu, usaram da palavra, além dele (que falou em nome próprio e, também, por incumbência do Comandante,

Continua na página 13

CERÂMICA AVEIRENSE, S. A. R. L.

CAIS DE S. ROQUE-AVEIRO

Relatório do Conselho de Gerência, Balanço, Contas e Parecer do Conselho Fiscal — Exercício de 1973

Relatório da Gerência

Senhores Accionistas :

De harmonia com a Lei e o nosso Pacto Social apresentamos a V. Exas., para apreciação, o Balanço e a conta de Perdas e Lucros e, bem assim, o Relatório da Gerência referentes ao exercício que, agora, terminou.

O prejuízo que se apresenta deve-se, não só ao aumento de encargos que tivemos de suportar sem possibilidade de aumentar os preços dos produtos fabricados (preços que estão homologados superiormente) como, também à diminuição do fabrico por virtude das modificações que se têm estado a processar no estabelecimento fabril.

Verifica-se ter havido um aumento substancial nas contas NOVA MONTAGEM (esta refere-se à Montagem de uma nova secção destinada ao fabrico de tijoleiras tipo Klinker) e na de EDIFÍCIOS, TERRENOS E INSTALAÇÕES FIXAS motivado não só por se ter adquirido o restante dos terrenos da Viela da Folsa (de que tínhamos metade) como também, pelas obras efectuadas e em curso destinadas à montagem de novas estufas e modificações das instalações existentes. Também, em MÁQUINAS E FERRAMENTAS se verifica aumento de valor pela aquisição que se fez, entre outras, de uma pá carregadora INTERNACIONAL H 30, um ventilador para o forno e um redutor para o misturador do grupo de fabrico N.º 1.

Estas aquisições justificam o aumento havido na conta de LETRAS A PAGAR.

Apesar do prejuízo apurado, Esc. 1 373 244$20, a situação financeira pode considerar-se aceitável em função da previsão do futuro.

Assim, propomos que aquele prejuízo seja transferido para o exercício seguinte.

Agradecemos ao Conselho Fiscal a sua boa e útil colaboração, agradecimentos que são devidos, também, a todo o pessoal.

Aveiro, 31 de Dezembro de 1973.

O CONSELHO DE GERÊNCIA
Gerente-Delegado - *João Rocha dos Santos*
Gerente - *João Evangelista de Campos*
Gerente - *Primo da Naia Pacheco*

Balanço de 1973

A C T I V O

DISPONÍVEL				
CAIXA			3 298$00	
BANCOS — depósitos à ordem			68 744$80	72 042$80
REALIZÁVEL				
DEVEDORES E CREDORES — saldos devedores			812 650$00	
MANUFACTURAS			74 259$50	
MANUFACTURAS EM FABRICO			84 808$00	
MATÉRIAS PRIMAS			125 050$00	
MATÉRIAS ACESSÓRIAS, para :				
Lubrificação		28 360$00		
Combustível		25 683$00		
Gastos de Fabrico		52 915$60		
Despesas Gerais		4 864$70		
Conservação de Edifícios		1 562$80	113 386$10	
LETRAS A RECEBER			1 983 503$40	3 193 657$00
IMOBILIZADO				
MÁQUINAS E FERRAMENTAS				
Valor inicial		5 071 758$15		
Amort. anteriores ...	2 693 280$75			
Amort. deste ano ...	455 954$40	3 149 235$15	1 922 523$00	
EDIFÍCIOS, TERRENOS E INST. FIXAS				
Valor inicial		9 526 445$95		
Venda de Edifício ...	2 558 958$60			
Amort. anteriores ...	3 764 903$95			
Amort. deste ano ...	223 338$80	6 547 201$35	2 979 244$60	
MÓVEIS E UTENSÍLIOS				
Valor inicial		59 931$00		
Amort. anteriores ...	34 443$10			
Amort. deste ano ...	4 479$50	38 922$60	21 008$40	
AUTOMÓVEIS				
Valor inicial		416 597$20		
Amort. anteriores ...	353 329$20			
Amort. deste ano ...	34 628$00	387 957$20	28 640$00	
NOVA MONTAGEM				
Várias aquisições para este sector e entregas por conta de fornecimentos			2 632 517$50	
DEVEDORES DUVIDOSOS		362 380$15		
D. SEVERINA PEREIRA CAMPOS		282 495$30	644 875$45	8 228 808$95
COMPARTICIPAÇÕES — SIBAVE - Soc. Ind. de Barro Vermelho				7 500$00
RESULTADO DO EXERCÍCIO				
PERDAS E LUCROS				
Saldo de 1972			324 469$15	
Prejuízo do exercício			1 373 244$20	1 697 713$35
				13 199 722$10

P A S S I V O

EXIGÍVEL		
DEVEDORES E CREDORES — saldos credores	1 309 672$90	
LETRAS A PAGAR	5 973 990$90	
IMPOSTO DE TRANSACÇÕES	53 606$10	7 337 270$50
SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA		
CAPITAL	3 750 000$00	
FUNDO DE RESERVA LEGAL	183 926$60	
PROVISÃO PARA RESERVA LIVRE	516 357$70	
PROVISÃO PARA COBRANÇAS DUVIDOSAS	101 379$30	
REAVALIAÇÃO DE IMÓVEIS	1 310 788$00	5 862 451$60
		13 199 722$10

O TÉCNICO DE CONTAS,
João Evangelista de Campos

O CONSELHO DE GERÊNCIA
Gerente Delegado — *João Rocha dos Santos*
Gerente — *João Evangelista de Campos*
Gerente — *Primo da Naia Pacheco*

Perdas e Lucros

C U S T O S

GASTOS DE ADMINISTRAÇÃO			
Remunerações ao Pessoal de Escritório	474 320$00		
Encargos parafiscais	48,504$70	522 824$70	
Encargos fiscais		96 401$00	
Cotas para Grémio I. Cerâmica		10 524$00	
Deslocações e conservação do automóvel		26 532$00	
Seguro contra incêndio		19 144$00	
Comissões a revendedores		32 788$50	
Outros encargos		102 284$70	810 498$90
GASTOS DE EXPLORAÇÃO			
Remunerações do pessoal fabril	2 198 428$40		
Encargos parafiscais	705 151$40	2 903 579$80	
Matérias Primas, subsidiárias e outras		679 529$00	
Energia Eléctrica		198 347$30	
Transportes		41 951$50	3 823 407$60
JUROS E DESCONTOS			
Juros e outros encargos financeiros			348 758$10
CONSERVAÇÃO DE EDIFÍCIOS			
Reparação dos edifícios e do forno			80 648$20
AMORTIZAÇÕES			
Máquinas e Ferramentas		455 954$40	
Edifícios, Terrenos e Instalações Fixas		223 338$80	
Móveis e Utensílios		4 479$50	
Automóveis		34 628$00	718 400$70
			5 781 713$50

P R O V E I T O S

MANUFACTURAS	
Lucro ilíquido apurado nesta conta	4 408 469$30
R E S U L T A D O S	
Prejuízo do exercício	1 373 244$20
	5 781 713$50

O TÉCNICO DE CONTAS,
João Evangelista de Campos

O CONSELHO DE GERÊNCIA
Gerente Delegado — *João Rocha dos Santos*
Gerente — *João Evangelista de Campos*
Gerente — *Primo da Naia Pacheco*

Parecer do Conselho Fiscal

Exmos. Senhores Accionistas :

O Relatório do Conselho de Gerência que nos foi entregue juntamente com o desenvolvimento das contas relativas ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1973, são suficientemente claros e elucidativos para permitirem uma conveniente análise de forma a podermos ficar bem habilitados a informar :

a) — que os elementos contabilísticos dados pelo desenvolvimento das Contas, Balanço e Relatório do Conselho de Gerência, são a expressão clara da evolução económico-financeira da empresa, e, em nosso entender, satisfazem as exigências legais;

b) — que durante o exercício e periodicamente, procedemos aos exames e verificações julgados convenientes, no que fomos sempre acompanhados pelo Digmo. Conselho de Gerência, que forneceu todos os esclarecimentos necessários; e,

c) — que o activo imobilizado da empresa está avaliado ao preço de custo efectivo ou valor de reavaliação, pelo que entendemos correctos os valores considerados em Balanço.

Assim, este Conselho Fiscal foi unânime em formular o seguinte parecer: — que o Relatório, Balanço e mais contas apresentadas pelo Conselho de Gerência, merecem aprovação total.

Aveiro, 28 de Fevereiro de 1974.

O CONSELHO FISCAL,
Presidente — *Jorge Francisco Gomes Pestana*
Vogal — *António Alberto Neves*
Vogal — *Francisco Porfírio de Carvalho e Silva*

ACONTECEU *em* ÁFRICA

Continuação da primeira página

em Coimbra, no velho Campo de S.ta Cruz, a Associação Académica, a equipa-menina-dos-meus-encantos de sempre. Velho e gasto, cabelos salpicados de branco, meio empenado, quase torto, rugas fundas, dentes postiços, mãos trémulas, andar lento, olhar parado. Mas era o Cezar! Há muitos anos o não via já. Como o tempo passa..., e marca..., e não poupa..., e gasta..., e empena..., e enruga..., acabando por matar...

— «Oh Cezar!».

Reconheceu-me. Nem me espantou, pois pareço melhor que ele: menos velho e menos gasto; cabelos salpicados de branco, poucos tenho; só a coluna vertebral me empenou; quanto a rugas, meia dúzia já; dentes quase todos, e postiços nem um só; ando como aqueles que nasceram quando eu; vejo — e ao longe — até aquilo que nem devia ver! (Oxalá, mais dia menos dia, o fanico me não dê e eu pague cara a gabarolice deste escrito...).

— «Oh Cezar!».

E deixou os copos, as chávenas, os cálices e os pratos, para me apertar os «ossos».

— «Oh Cezar!».

E bebeu-se um whisky, *dois, três, meia dúzia, sei lá quantos.*

— «O Cezar!».

E veio à baila o Benfica, a Académica, os campos das Amoreiras e de S.ta Cruz, o foot-ball de outros tempos.

— «O Cezar!».

E esta e aquela do Parque Mayer, de que ambos guardávamos, ainda, uma pálida e desbotada imagem de saudade infinda?

— «O Cezar!».

...

— «O Cezar!».

...

Para quê voltar atrás..., ao que findou..., ao que não volta..., ao que não rejuvenesce já...

— «O Cezar!».

E mais isto, e aquilo e aqueloutro. (Vergonha trazer aqui tanta coisa que nos apeteceu reviver naquela noite... Deus me livre! Credo! Abrenúncio!).

Raiava o dia quando do bar saí. Noite que voou. Manhã que despontou mais cedo. É sempre assim...

Atordoado, bem me lembro, por tanto recordar, mesmo assim, olhei o negro miserável que dormia à porta, tendo uma laje fria de mosaico por colchão, envolto num pedaço de papel sujo, tipo saco de cimento, no qual havia feito um buraco para nele meter a carapinha da cabeça. Na vida jamais os meus olhos haviam visto coisa igual: alguém «vestido» com um saco de papel! (O negro é ímpar e único no improviso, na adaptação, no imaginar. Fruto, talvez, de um meio muito seu, único e singular, talhado para ele, que tudo lhe oferece — à laia de maná caído do céu —, até um enorme saco de papel! África é isto: algo que se não pode contar ou dar a conhecer; algo que tantas vezes constitui enigma; algo que se vive, sente e corre nas veias como sangue. África é igual a ela e diferente de tudo o mais).

O negro «vestido» com um saco de papel! E voltei a reparar. Era, na verdade, um saco de papel!

Bisbilhotei um nome, uma referência, uma palavra.

Apeteceu-me saber o que ele trouxera dentro, antes de servir de «vestido» ao pobre negro. Mas nada topei.

Apenas pude ler: «Frágil»!

Curiosa coincidência. Por que não? Escolhido a dedo, por negro, como só o negro é capaz de escolher. Melhor, talvez: caído — como maná — do céu africano, como só o céu de África ao negro é capaz de dar.

«Frágil!». Sim, frágil como os ossos daquele negro... Daquele pobre negro... Do negro frágil, como o saco de papel...

Algo de muito estranho se apoderou de mim, à laia de revolta muito minha. Como seria isto, em África, possível? Na terra dos diamantes..., do petróleo..., das madeiras preciosas..., do café... Na terra onde tudo nasce..., e cresce..., e floresce..., e chega..., e abunda..., e sobra... Na terra onde há terra para todos... Na terra virgem em que a semente germina horas depois... Na terra apetecida e cobiçada... Na terra que enfeitiça, pois feitiço tem...

Como podia ser? Mas os meus olhos haviam visto alguém «vestido» assim: com um saco de papel!

Dias depois, à mesma hora e de surpresa, ao «Bar Candombo» voltei, no meu deambular nocturno, vadio e a más horas. Mas o negro já não estava lá. Nem o saco de papel...

— «O Cezar!».

...

(Apeteceu-me conhecer o nível de vida daquela gente, daqueles negros de Candombo, daqueles que entravam no bar como eu, daqueles mesmos que viviam a poucos centos de metros do hotel onde eu vivia — hotel caro, com alcatifas, elevador, lustres, piano, maples, música nos quartos e com um bar também).

Bendita hora aquela em que lá voltei. Bendita, porque pude desfazer um estado de alma angustiada que me atormentava. Bendita, porque fiquei a saber que o nível de vida dos negros do Uíge é francamente diferente daquilo que o espectáculo miserável que os meus olhos haviam visto poderia fazer supor. Disse-mo o velho Cezar, que há tantos anos vive com os negros do Candombo, que os conhece, que os ouve, que os compreende, que escuta os seus anseios. Bem diferente, na verdade, a tal ponto que o negro do Uíge dificilmente cultiva a terra por conta de outrém. Tem as suas lavras, as suas pequenas propriedades, que lhe garantem um inegável desafogo económico.

E aqueles que não querem trabalhar? Até a esses — à laia de maná caído do céu — África algo lhes dá: nem que seja um «frágil» saco de papel...

África, terra bendita, a que o negro bem pode chamar mãe! O negro e outros mais...

ARAÚJO E SÁ

Aspecto Tropical

Continuação da primeira página

tadas por palmeiras e coqueiros, são a concretização da ideia preconcebida que todos nós temos da paisagem tropical. Aqui e além, os restaurantes convidam-nos. Nas esplanadas, cercadas de vegetação, a cerveja mitiga-nos a sede e o marisco é obrigatório. Enquanto isso grupos de nativos oferecem, a troco de parca quantia, objectos de artesanato indígena e lindos colares de missangas,feitos por mãos hábeis e laboriosas. Tudo isto, acompanhado por um bucólico sentimento de paz interior, constitui a evasão desejada de tensão psicológica proveniente da estafante rotina semanal.

Porém, o fim de semana acaba e há o regresso às ocupações profissionais. As horas de sonho dão lugar às horas amargas, vincadas pela realidade presente. A ilha do Mussulo lá ficou, como massa informe a afundar-se nas águas, esperando pelo luandense no próximo Domingo. Boa viagem!

TINO MOREIRA

GLOSAS MARGINAIS

Continuação da primeira página

por exemplo, nas métopes do Partenon e no tecto da Capela Sixtina.

Rendo-me, claro está, em frente do engenho que criou o arado neolítico sem, por isso, fechar os olhos às pinturas dolménicas; acaricio, sem sombra de dúvida, com os olhos e com a ponta dos dedos, um machado de bronze, mas, e ao mesmo tempo, experimento a emoção estética desencadeada pelas decorações de uma cerâmica minóica. Quer dizer: presto a minha homenagem, rendida, às conquistas das técnicas sem, para isso, ter de virar as costas ao «Cântico dos Cânticos»...

Com este arrazoado, que poderá parecer especioso, quero significar que desejaria que as patorras do paquiderme de ferro e aço poupassem à patada mecânica o chafariz cantante que destila água cristalina na intimidade da praça ensombrada e a humildade discreta da ruela enfeitada de alpendres, desfavorecendo, embora, nalguma coisa, o pragmatismo seco e a funcionalidade descarnada. Desejaria que se tirasse ao utilitarismo glaciar da máquina a venda oclusiva que lhe possa determinar cegueiras axiológicas e que o seu ímpeto de progresso não postergasse o Homem — o Homem na sua humanidade. Sempre que esse progresso investe com a beleza e arrefece o bafo criador que pode ler-se na pedra lavrada de uma padieira, ou na mesura jeitosa de um cunhal bem lançado, sinto um estremeção, antevendo, logo, as suas substituições pelo pragmatismo cinzento do cimento-armado; sempre que oiço o estalar do castanho de um tecto em masseira, adivinho a sua substituição por uma placa gelada de chateza e fico solidário com o cerne que geme sob o pé-de-cabra que alui o lenho cheiroso das tábuas.

Um amigo meu, «funcional» até ao tutano dos ossos, etiqueta-me de «bota de elástico» e rompe caminho, despreocupadamente, com as suas sapatilhas de atleta, nos caminhos de chão macio. Mas não consegue comover-me a sua argumentação linear e pautada por veredas geométricas. Pelo contrário, esfalfo-me a fazer-lhe a apologia da cultura do «ócio», da cultura desinteressada, autotélica, fremente no ideal ático; procuro convencê-lo de que a ciência pura é madre generosa capaz de gerar e parir todas as técnicas. Mas tudo se passa como num diálogo de surdos entre um grego e um etrusco — um a erguer o fuste de uma coluna jónica, outro a enterrar as manilhas de um cano de esgoto — fincando-se cada qual na sua cidadela, a pelejar, sem vislumbrar horizontes de paz...

De nada me vale a argumentação que arranco do humus fecundo da história e, quando lhe digo que, antes dos investigadores do nosso tempo terem desintegrado o átomo, já um sujeito em Abdera, chamado Demócrito e de mãos dadas com um outro chamado Leucipo, ambos incorporados no pluralismo grego, tinham previsto a constituição atómica da matéria, firma-se no argumento de que só a verificação experimental é que demonstrou a veracidade da teoria. E... urina no valor das hipóteses...

Nada o convence. A «futurologia» do meu amigo não arranca, como seria sensato, de nenhuma leiva adubada com permissas da história, nem tenta encontrar nos caminhos da casualidade o fio justificativo do seu *bandarrismo* deslumbrado. É acto de fé no futuro, num futuro brumoso — num futuro que ele quer glaciar e destinado, apenas, a cobrir os homens com gelo do desencanto, onde todos os valores sem cifrão sejam postergados para uma arqueologia de pacotilha.

● Há horas nesta profissão médica em que não encontro outro recurso que não seja o de fugir e ir encostar a cabeça aos «Aforismos» do Hipócrates; há situações, nesta medicina a que ando jungido há quarenta anos, que só encontrariam refrigério ancorando, num longo estágio, à sombra refrescante dos plátanos de Cós. E hoje, após um caso eriçado de espinhos que me ocupou o dia todo, estive à beira de emigrar para o Epidouro, para dar um banho-maria aos neurónios assanhados pelas contingências da profissão.

São contos largos..., mas eu tento contar: depois de a diálise ter dobrado o joelho da sua inutilidade, depois de o «marca-passo» estar prestes a parar por exaustão da pilha animadora; depois de uma profusão de indiscretas endoscopias que revelaram paisagens dantescas onde se adivinhava o Inferno, isto é, quando a embófia da explicabilidade curvou a cerviz e cedeu terreno à compreensão, não tive outro remédio senão fabricar, para meu uso, um neo-hipocratismo nimbado de humildade e, agarrado a ele com unhas e dentes, dar umas palavras de conforto a quem me era devolvido para esperar pela sua hora debaixo das telhas da sua toca.

Técnica sim, tecnicismo não; cibernética sim, ciberneticismo não; especialidades sim, especialismos não... E com esta cega-rega pendular e onomatopaica a martelar-me os ouvidos, mal arranquei de dentro de mim algumas palavras de conforto para deixar cair no Sara do enfermo.

Deixei-o, agora, ao pobre rústico, desamparado de todos os recursos da ciência, à espera da sua hora e encostado às mentiras piedosas que fui capaz de lhe destilar sobre o vazio envolvente.

Sondaram-no, sugaram-lhe os humores, fotografaram-no, por dentro, reduziram-no a gráficos herméticos para a penetração das suas pupilas, acutilaram-no para verem o que se passava e acabaram por remetê-lo à procedência para vir acabar os dias na sua enxerga e ao calor da sua borralheira que, aliás, fez o milagre de lhe alumiar as trevas.

Quando, realmente, o computador soberano já não tem mais que extrair do seu «cérebro» mecânico ou eléctrico, quando a objectiva, de óptica irrepreensível, não tem mais que trazer ao olho humano, que há-de fazer esta medicina técnica e explicativa, que não seja bater no peito a *mea culpa* e, humildemente, encher a lacuna que fica, do calor humano que sirva de emoliente para a angústia do resto da travessia?

FREDERICO DE MOURA

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	ALA
Domingo	AVEIRENSE
2.ª-feira	AVENIDA
3.ª-feira	SAÚDE
4.ª-feira	OUDINOT
5.ª-feira	NETO
6.ª-feira	MOURA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

A CIDADE

RESIDÊNCIA PARA ESTUDANTES

Atento aos problemas e aspirações do mundo estudantil, o Ministério da Educação Nacional, através do Instituto de Acção Social Escolar e a pedido do Director do Gabinete de Formação Moral do Liceu de Aveiro, Rev. Mário Sardo, acaba de criar, nesta cidade, uma Residência para Estudantes.

Para o efeito, estão em curso as necessárias diligências, a fim de que tão feliz iniciativa ponha, o mais breve possível, à disposição dos estudantes de Aveiro os seus inegáveis benefícios.

DA PESCA DO BACALHAU

Regressou ao porto de Aveiro, no último sábado, indo acostar a uma das pontes-cais da Gafanha da Nazaré, o arrastão bacalhoeiro «Senhora da Vida», da *Parceria Marítima Esperança*, da praça aveirense, após uma safra de cerca de seis meses nos pesqueiros da Terra Nova e da Gronelândia.

SECÇÃO DA DIRECÇÃO DE VIAÇÃO EM AVEIRO

Dirigida pelo sr. Eng.º António Gaspar de Matos, entrou já em funcionamento, na Praceta de Aires Barbosa, nesta cidade, uma Secção da Direcção de Viação do Centro, o que, para além de possibilitar uma maior facilidade e comodidade no tratamento de assuntos dependentes daquela Direcção, permite, desde já, que se realizem exames de condução nesta cidade.

OPERAÇÃO ESCUTISTA

No Instituto D. Ernesto Sena Oliveira (IDESO), em Eirol, realizou-se mais uma «Operação Sinai», destinada a escuteiros adolescentes e a outros rapazes.

Foram os seguintes os principais pontos de reflexão: «Fraternidade Humana», pelo casal da sr.ª Dr.ª D. Maria Natércia Bentes Grade Rodrigues e do sr. Dr. Ilídio Duarte Rodrigues; «Fraternidade Escuta», pelo Chefe Regional Adjunto sr. Armando Coutinho; e «Fraternidade à Luz da Fé», pela estudante universitária Rosa Branca Torrão.

Além do Assistente Regional, Rev. Valdemar Costa, acompanharam os trabalhos dirigentes dos agrupamentos escutistas de Aveiro e de Estarreja e do Seminário de Calvão.

ALUGA-SE

— primeiro andar, com garagem e quintal — na Carreira Larga, Matadouços.

Informa-se na Rua do Carril, 14, em Aveiro.

Pela CAPITANIA

Funcionará, de novo, este ano, na praia da Torreira, uma Companha de pesca, de xávega, pelo que os seus empresários procederam já, na Capitania do Porto de Aveiro, à matrícula do respectivo pessoal.

Pelo PORTO DE AVEIRO

Tomou recentemente posse do cargo de Adjunto do Movimento e Tráfego Marítimo do Porto de Aveiro o sr. Capitão José Augusto Machado dos Santos, que anteriormente exercia as funções de Capitão da Draga «Arantes e Oliveira».

SUBSÍDIOS

● A Câmara Municipal de Aveiro, a exemplo de anos anteriores, resolveu conceder um subsídio de 3 contos ao Corpo Nacional de Escutas desta cidade.

● Com destino à construção da sede do Centro Cultural de Agadão (2.ª fase), o Governo Civil de Aveiro dotou aquela novel colectividade com um subsídio de 6 contos.

CAPELA DE S. GONÇALINHO

A Comissão Organizadora dos tradicionais festejos em honra de S. Gonçalinho solicitou ao Município aveirense que mandasse proceder à adequada pavimentação da zona circundante da capela da invocação daquele santo, propondo-se, para tanto, contribuir com a importância de 2 500$00. Em face deste pedido, a Câmara deliberou mandar proceder, desde já, à elaboração do estudo respectivo.

Pelo CONSERVATÓRIO REGIONAL

Inaugurar-se-á, no Conservatório Regional de Aveiro Calouste Gulbenkian, no dia 2 de Maio próximo, às 21.30 horas, uma exposição de trabalhos do prestigiado e saudoso artista portuense ANTÓNIO CARNEIRO e, às 22 horas, realizar-se-á um concerto pelo QUARTETO DE CORDAS DO PORTO e pela meio-soprano ISABEL MALLAGUERRA, com obras do compositor CLÁUDIO CARNEIRO e letra daquele artista plástico.

A exposição, que constará de cerca de trinta trabalhos (óleos, sanguíneas, carvões e grafites), será enriquecida com a apresentação de alguns objectos pessoais do compositor CLÁUDIO CARNEIRO, amavelmente cedidos por sua viúva, M.me KATHERINE CARNEYRO.

Esta homenagem àqueles dois saudosos artistas é organizada pelo Conservatório Regional de Aveiro e tem o patrocínio da Câmara Municipal.

As entradas são gratuitas.

ESPECTÁCULO PELO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

Na próxima quarta-feira, 1 de Maio, às 21.30 horas, realizar-se-á, no Cine-Teatro Avenida, um espectáculo, pelo apreciado Orfeão Universitário do Porto, cujo produto reverterá para as obras, em curso, da Catedral aveirense.

O programa é o seguinte: actuação do Grupo Coral, sob regência do professor Mário Mateus; Variedades, com números de folclore (danças do Minho, da Madeira, dos Açores e Pauliteiros de Miranda), fados e guitarradas, espirituais negros, música medieval e renascentista.

Os bilhetes poderão ser adquiridos no Secretariado Paroquial, na Rua do Batalhão de Caçadores 10, e, no dia do espectáculo, nas bilheteiras do Cine-Avenida.

NOVO ESTABELECIMENTO

Em acolhedoras instalações, ao n.º 19 da Rua de Eça de Queirós, abriu, no começo deste mês, a **Livraria Isabela, L.da**, propriedade de duas antigas e dinâmicas empregadas da Livraria e Papelaria de Abrahão Borges.

As proprietárias, conhecedoras do ramo de negócio em que, durante muitos anos, praticaram, são garantia sobeja da idoneidade da nova casa comercial.

Desejamos-lhes todas as felicidades, a que têm incontestável jus.

Pelo CETA

● A Comissão Cultural do Círculo de Teatro de Aveiro (CETA) tem programadas as seguintes audições, com comentários coordenados por Júlio Lemos: hoje, 27 — DE BACH A BEETHOVEN (com descrição); no dia 4 de Maio — MISSA DOS MORTOS, de Berlioz, e SINFONIA N.º 6 de Beethoven; e, no dia 11 de Maio — MÚSICA ELECTRO-ACÚSTICA (improvisação a 4).

● Também em fins do próximo mês de Maio, o CETA levará a efeito diversas actividades especialmente dedicadas às crianças, cujo programa será oportunamente divulgado.

ACAMPAMENTO DA PÁSCOA DA M. P.

Integrado no programa das suas actividades de férias, o Centro de Formação Geral n.º 2, de Aveiro, promoveu a realização, na área da Junta de Colonização Interna, na Gafanha, de um acampamento que reuniu algumas dezenas dos seus filiados e serviu para que prestassem provas de campo, topografia e reconhecimento do terreno.

O acampamento foi dirigido pelo respectivo Director, sr. Carlos Alberto Martins Mendes, coadjuvado pelo dirigente sr. Manuel Carlos Martins, tendo a «Chama» tido a presença de muitos pais, elementos da população local e do sr. Eng.º António Pascoal, Director da Casa da Mocidade, em representação do Delegado Regional.

CENTRO DE HISPISMO DE AVEIRO

Sob proposta da Delegação Regional de Aveiro, o Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa acaba de autorizar a reabertura do Centro de Hipismo de Aveiro, tendo sido nomeado para o dirigir o sr. Eng.º João Carlos Aleluia.

As actividades do novo Centro — que estão abertas a jovens escolares e não escolares de ambos os sexos — iniciar-se-ão imediatamente, podendo os interessados na sua frequência obter as necessárias informações na Delegação da MP., na Rua de Gustavo Ferreira Pinto Basto, n.º 6, ou pelo telefone 22320, todos os dias úteis, excepto aos sábados, das 18 às 20 horas.

MOVIMENTO HOSPITALAR

Durante o mês de Março findo, o Hospital Regional de Aveiro registou o seguinte movimento:

Internamentos — *doentes entrados, 357; saídos, 373; existentes em 31.3.74, 169.*

Serviço de Urgência — *consultas no Banco, 662; tratamentos, 497; injecções, 227.*

Banco de Sangue — *transfusões de sangue, 60; transfusões de plasma, 2.*

Intervenções Cirúrgicas — *de grande cirurgia, 135; de pequena cirurgia, 40.*

Raios X — *Radiografias efectuadas, 655; sessões de fisioterapia, 94.*

Análises Clínicas — *análises diversas, 1 651.*

Consulta externa — *consultas, 606; tratamentos, 386; injecções, 230.*

Obstectrícia — *partos, 37.*

PAROQUIAL DA GAFANHA DO CARMO

Foi superiormente concedida uma comparticipação de 196 500$00 à Comissão Fabriqueira da Gafanha do Carmo, destinada à construção de uma igreja naquela localidade. Parte da referida verba (113 500$) é suportada pelo orçamento do Fundo do Desemprego.

AGRADECIMENTO

JOÃO CÂNDIDO PINHEIRO

Sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a quantos, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento do saudoso extinto.

D. João Evangelista

Continuação da primeira página

com os beiços a saber a salgado, a pingar gotas da Ria por todo o corpo, por toda a alma»; feito «nesga desta deliciosa aguarela de Aveiro», autêntico «pedaço da nossa terra». Este Homem assim apaixonado pela sua terra, «com um altar de Aveiro dentro do peito», foi condenado, desde criança, a viver longe dela, mas teve o privilégio de voltar um dia, não como o pródigo ou o reformado, mas «como o primogénito ainda vivo da grande família», «quase um avô que estremece os seus netos, que lhes conta a história da sua vida e todas as histórias que ele aprendeu no curso longo dos seus velhos anos». E voltou «para ser só de Aveiro», para sentir nas veias só o seu sangue, numa palavra que também é sua, para se «fazer uma encarnação viva da nossa terra».

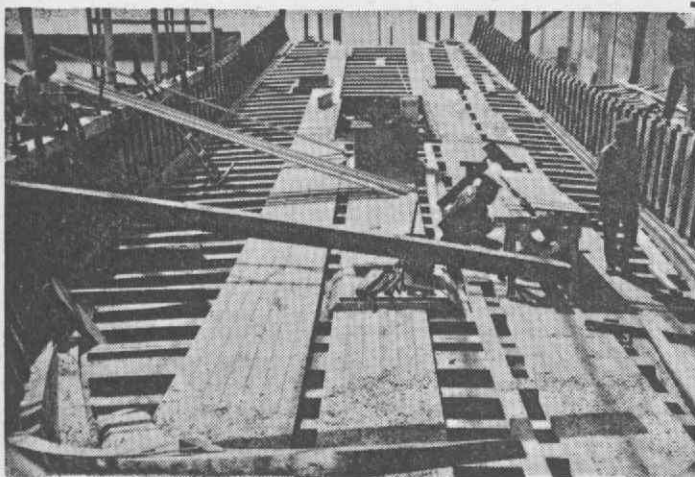
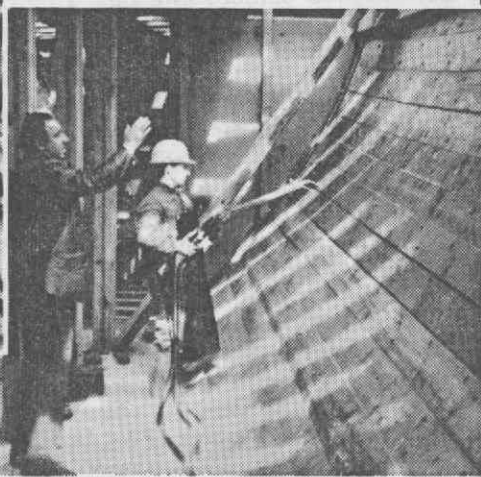
Nesta homenagem que estamos a prestar, nós, os do concelho e diocese de Aveiro, contemplamos no Aveirense que foi D. João Evangelista, não apenas «um pedaço da nossa terra», moldado no barro portentoso da nossa região e impregnado do ar salgado da maresia, mas um dos exemplares mais completos do nosso povo, porventura a sua encarnação mais perfeita.

Há trinta e três anos, realizou-se, neste mesmo Teatro, uma sessão, soleníssima também, em honra do nosso homenageado, que tinha sido vítima dum inexplicável e ainda não explicado atentado na Sociedade de Geografia de Lisboa. Nunca assisti, como então, a uma simbiose tão perfeita entre a assembleia que escutava e o orador que falava, entre a eloquência de um e o sentimento de todos. Nunca vi, como então, um orador, que no caso era o talentoso Dr. António Cristo, traduzir tão elegantemente o respeito e a veneração de todos os presentes. Quase não houve um período que não tivesse sido sinceramente apoiado e calorosamente aplaudido. No final do seu formosíssimo panegírico, disse o orador: «Chego às vezes a supor que andamos todos iludidos: — não estará ali Francisco de Assis, passeando nas margens do Vouga a infinita riqueza da sua gloriosa pobreza?». A quente e prolongada ovação com que a assembleia aclamou esta bela imagem, talvez o maior louvor que se possa dizer dum homem, mostrou inequivocamente que todos reconheciam na figura humilde e martirizada e ricamente pobre do Bispo de Aveiro a mística e feliz reincarnação do Poverello de Assis.

Mas D. João Evangelista não foi só um Homem e um conterrâneo a quem a humanidade e a nossa terra continuam a dever perpétua gratidão; foi também escritor primoroso e estilista inconfundível.

Não me pertence, nem neste nem em qualquer outro momento, fazer a crítica literária do artista que manejou a pena com a beleza, a inspiração e o amor com que os grandes pintores realistas se serviram do pincel para tornar o mundo mais formoso e a humanidade mais enobrecida. Mas não posso deixar de referir, em simples apontamento, o seu extraordinário espírito de observação, o assombroso poder criador da sua imaginação, a sua requintada sensibilidade estética. O Escultor Euclides Vaz documentou, para sempre, no bronze da estátua, esta faceta da multiforme personalidade do nosso saudoso Arcebispo.

Quantas vezes o vi, na pequena capela da (sua) modesta mas acolhedora residência episcopal, compôr os seus habituais artigos para o «Correio do Vouga». Ajoelhado ou de pé, redigia lentamente, parando de quando em quando a pena para reflectir na justeza das palavras, no rigor dos conceitos ou no acerto das imagens, em pequenos passeios que dava no corredor anexo. E depois de declamar para si próprio a frase procurada e de saborear devidamente a musicalidade fonética do texto, lá voltava pressuroso à capela para lançar na alvura do papel, em gesto quase ritual, o resultado do seu esforço intelectual e da sua sensibilidade artística.

A sua inteligência penetrante e a sua cultura vastíssima permitiram que tratasse temas da mais variada ordem; tem de se reconhecer, no entanto, que tinha uma acentuada predilecção pelas pessoas mais humildes e pelas coisas mais insignificantes: o gesto inconsciente duma criança a lançar um tostão no saco das esmolas, o comentário jocoso, quase irreverente, dum albergado, os olhos suplicantes do pobre, o brilho opulento duma réstea de sol, o segredo extasiante duma gota de água, a brancura cristalina dum monte de sal, o maravilhoso gorjeio dum passarinho, o tronco ressequido duma velha árvore, o esperançoso romper da aurora ou a luz nostálgica do poente. E de todos estes seres ínfimos, a que muitos não costumam prestar a mínima atenção, nem sequer a esmola dum olhar furtivo, soube fazer grandes mestres e tirar grandes e oportunas lições. /.../

Duas fases da aplicação num navio

Novo processo de impermeabilização naval

Novas perspectivas se abrem no campo da construção naval, graças a um sistema mecânico de impermeabilização de porões de navios. O processo patenteado é propriedade da Sociedade de Gelatinas do Norte, S.A.R.L., de Santo Tirso, Porto, que procede actualmente àqueles trabalhos nos **Estaleiros Carnave**, desta cidade, numa das suas embarcações em construção.

O processo denominado «MAK» é um impermeabilizante perfeito para todos os tipos de construções à superfície ou subterrâneas. Para além de vantagens económicas, apresenta numerosos aperfeiçoamentos técnicos sobre os actuais métodos usados em Portugal.

O hidroisolamento «MAK» tem características únicas resultantes da mistura de certos asfaltos e borrachas sintéticas especiais, apresentada em emulsão, antes da aplicação. Esta emulsão é pulverizada, simultâneamente, com um agente de precipitação electrolítico. Por acção deste agente, a emulsão dissocia-se ao atingir a superfície do porão do barco e a mistura asfalto-latex solidifica, aderindo fortemente. Sob a acção das elevadas forças de coesão que se formam, a água é espremida pela parte sólida e escorre. A mistura asfalto-latex sofre deste modo uma transformação, formando uma camada homogénea, contínua, sem costuras ou emendas.

A elevada percentagem de borracha sintética que o hidroisolamento «MAK» possui acrescida do uso de asfaltos seleccionados, confere ao produto características excepcionais, das quais podemos mencionar algumas :

— É altamente aderente;
— É altamente amoldável;
— É autocolmatante;
— É altamente resistente às variações de temperatura;
— É inalterável com o tempo;
— É pirófobo;
— É impermeável aos gases;
— É resistente à pressão da água;
— É resistente às águas agressivas; e
— É inodoro.

— A borracha (policloropreno), fornecida em forma de latex pela FARBENFABRIKEN BAYER AG, LEVERKUSEN, contida em elevada percentagem no induto betuminoso, não só se distingue, como é sabido, por uma elasticidade especialmente vantajosa e uma boa aderência do aglutinante à base, como também provoca no todo da massa um considerável retardamento que em geral é de esperar, quando se trata de aglutinantes betuminosos.

Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos do Concelho de Aveiro

ARREMATAÇÃO DE BENS

DIA : — 7 do próximo mês de Maio, pelas 10 horas
LOCAL : — Cais das Pirâmides-Aveiro

José Alves de Faria, Juiz Auxiliar do referido Tribunal.

Faço público que no dia, hora e local acima designados, se procederá à venda judicial feita por arrematação em hasta pública, pelo maior lanço que for oferecido, do bem abaixo descrito penhorado à firma executada — «João dos Santos, Sucessores, Lda.», com sede na Gafanha da Nazaré, concelho de Ílhavo, e que pode ser visto todos os dias úteis durante as horas normais de trabalho, no local onde se encontra (Cais das Pirâmides), a cargo do fiel depositário, Sr. ARNALDO PEREIRA, cabo de mar, residente na Capitania do Porto de Aveiro. Vai à praça pela 1.ª vez pelo valor de 120 000$00.

BEM A ARREMATAR

Uma traineira de pesca, com 25 metros de comprimento e 5 de largura, de nome «DIVOR», com o n.° A-1 626-C, cuja cabine de comando é de cor castanha, clara e branca, com o casco pintado de branco, de 4 metros de altura, tendo lavrada em letras romanas o n.° VIII, fazendo parte integrante da mesma, entre outras coisas, um alador de rede eléctrico, de marca «PORUS», de fabrico espanhol, sem quaisquer referências e uma sonda eléctrica de detecção de peixe, marca «ELAC», de fabrico alemão, tipo LAZ-BT3, sem número de fabrico.

São, POR ESTE MEIO, citados os credores desconhecidos bem como os sucessores dos credores preferentes com garantia real sobre o bem penhorado.

Aveiro, 9 de Abril de 1974

O Escrivão,
a) *Manuel Rodrigues da Silva*

VERIFIQUEI,

O Juiz Auxiliar,
a) *José Alves de Faria*

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 27 — à tarde e à noite

CANTINFLAS FAZ TUDO — com Mário Moreno (Cantinflas) — para maiores de 10 anos.

Domingo, 28—à tarde e à noite e Segunda-feira, 29 — à noite

O PORTEIRO — um filme de Christine Gouse-Renal — para maiores de 18 anos.

Terça-feira, 30 — à noite

LUTRING — com Robert Hoffman — para maiores de 18 anos.

Teatro Aveirense

Sábado, 27 — à noite — UM A UM... SEM PIEDADE — para maiores de 14 anos.

Domingo, 28 — à tarde e à noite — AS FOTOS PROIBIDAS DE UMA PESSOA DE BEM — para maiores de 18 anos.

Segunda-feira, 29 — à noite — GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO — para maiores de 10 anos.

Terça-feira, 3 0 — à noite — COMBÓIO RIGOROSAMENTE VIGIADO — para maiores de 18 anos.

FALECERAM:

D. Maria do Cardal de Lemos Magalhães Lima

No dia 16 do corrente, faleceu, em Eixo, a sr.ª D. Maria do Cardal de Lemos Magalhães Lima, filha do inesquecível pensador aveirense Jaime de Magalhães Lima.

A saudosa e distinta senhora, apesar da distinta estirpe do seu nascimento, convivia amiudadas vezes com os mais humildes, assim seguindo, na prática, o espírito franciscano de que fora raro exemplo o seu progenitor. Possuidora de uma educação esmeradíssima e dotada de exemplares virtudes, a sr.ª D. Maria do Cardal de Lemos Magalhães Lima deixa saudade em quantos a conheciam e lhe reconheciam os seus méritos.

Era irmã da sr.ª D. Maria Leocádia Magalhães Lima Mascarenhas, viúva do saudoso Desembargador Evaristo Mascarenhas; e tia das sras. D. Maria Rosa Magalhães de Lima Castro e Abreu, casada com o sr. Carlos Castro e Abreu, D. Maria do Cardal Magalhães Lima Amaral Osório, casada com o sr. José Carlos Amaral Osório, D. Maria do Rosário Magalhães Lima Almeida Azevedo, casada com o sr. Bernardo Almeida Azevedo, D. Maria Leocádia Magalhães Lima Meyreles do Souto, e do sr. Dr. Jaime de Magalhães Lima Mascarenhas, casado com a sr.ª D. Helena Maria Narciso Mascarenhas.

Querubim Gomes

No dia 17 do corrente, faleceu, na sua residência, ao Bairro do Alboi, nesta cidade, o sr. Querubim Gomes, que contava 65 anos de idade.

Doente há já cerca de dois anos, o saudoso extinto era pessoa que gozava da geral simpatia e consideração de quantos o conheciam, por seus dotes pessoais e por sua competência profissional, mormente ao serviço dos Estaleiros de S. Jacinto, de que era exemplar funcionário.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria do Carmo de Oliveira; e era pai dos srs. Jaime de Oliveira Gomes, casado com a sr.ª D. Lucinda Mendes, Manuel de Oliveira Gomes, casado com a sr.ª D. Alice Gomes, João Baptista de Oliveira Gomes, 1.º Sargento do Exército, casado com a sr.ª D. Alda Baptista Gomes, e da sr.ª D. Natália de Oliveira Gomes, esposa do sr. Américo Vila Maior, estes, presentemente, a residirem em França.

Foi a sepultar, na tarde do dia imediato, no Cemitério Sul, após missa de corpo-presente na igreja de Santo António.

António Augusto Afonso

Doente há muito, viria a falecer, no passado dia 20, na Casa de Saúde da Vera Cruz, o conceituado comerciante da praça aveirense sr. António Augusto Afonso, que contava 63 anos de idade.

Natural de Aradas, o saudoso extinto cedo se radicou em Aveiro, aqui tendo granjeado a estima de quantos o conheciam, por suas virtudes e qualidades.

Era casado com a sr.ª D. Luz dos Santos Marabuto e pai da sr.ª D. Vegília Afonso Peixinho, casada com o sr. José Maria dos Santos Peixinho.

O funeral realizou-se na manhã da última segunda-feira, após missa de corpo-presente na igreja de Santo António, para o Cemitério de Aradas.

AGRADECIMENTO

MÁRIO JÚLIO ROCHA

Sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer, muito penhoradamente, a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento do saudoso extinto.

AGRADECIMENTO

MANUEL PASCOAL

Sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer, muito penhoradamente, a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento do saudoso extinto.

Secretaria Notarial de Aveiro

PRIMEIRO CARTÓRIO

CERTIFICO, para publicação, que, por escritura de 17 de Abril de 1974, de fls. 50 a 50, v.º e de 1 a 3 v.º, dos livros próprios, respectivamente n.os 234-B e 235-B, deste Cartório, outorgado perante o Notário Lic. Joaquim Tavares da Silveira, foi aumentado em 7 900 contos, o capital de Sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «Faianças Primagera, Lda.» com sede no lugar e freguesia de Aradas, deste concelho, tendo cada um dos subscritores-sócios integrado a sua actual subscrição na sua primitiva Quota, e foi alterado o art.º 3.º do Pacto Social, que passou a ter a seguinte redacção :

(Artigo) «3.º — O Capital social é do montante de 10 600 contos, dividido em nove Quotas, destas pertencendo : ao sócio Manuel Simões Madail, uma de 3 mil contos, — a cada um dos sócios João Gonçalves Madail, Mário Rodrigues da Silva, Belarmino Maia Martinho e Antero Simões Veiga, uma de 1 200 contos, — a cada um dos sócios Domingos Gonçalves Morgado Madail e Abílio Simões Madail, uma de 800 contos, — e a cada um dos sócios Manuel Gonçalves Ferreira e Clemente Gonçalves Ferreira, uma de 600 contos.

— O capital acha-se inteiramente realizado, parte em dinheiro, ora entrado, e a restante parte representada pelos bens, valores e direitos constantes da escrita e documentos em nome da Sociedade».

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 19 de Abril de 1974

O Ajudante

a) *José Fernandes Campos*

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS, S. A. R. L.

AVEIRO

Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal

Excelentíssimos Senhores :

De acordo com o estabelecido na Lei e nos Estatutos, temos a honra de submeter à vossa apreciação o Relatório, Balanço e Contas do 54.º Exercício decorrido em 1973.

Não têm sido bons os resultados obtidos pela indústria da moagem de trigo, porquanto as despesas continuam a subir desenfreadamente, dada a contínua inflacção, enquanto a taxa de moagem, que é a margem de lucro estabelecida superiormente, se mantém a mesma desde há anos. A Federação Nacional dos Industriais de Moagem não está a descurar a defesa dos interesses dos seus agremiados, pelo que estamos esperançados numa breve solução satisfatória. Por outro lado verifica-se que só uma forte concentração industrial ajudará a resolver a grave crise desta indústria, porquanto as despesas dela resultantes serão de pouca monta em relação ao movimento consequente dum mais importante labor industrial. Por esta razão, com o voto favorável do nosso Conselho Fiscal, adquiriu-se a quase totalidade das acções de «A Ribatejana, S. A. R. L.», possuidora de uma fábrica de moagem em Lisboa e dum descasque de arroz em Alhandra, com cotas bastante superiores às da nossa Companhia.

Para concentração das referidas fábricas com as nossas já se apresentou o respectivo requerimento à Direcção dos Serviços Industriais, e daí resultará para a nossa Companhia, uma posição de destaque dentro destas indústrias.

Para ser possível tal concentração, em referência à moagem de trigo, os silos que tinham sido contratados para três mil toneladas, tiveram de ser construídos para quatro mil trezentas e vinte toneladas, representando pouca despesa a instalação da maquinaria para a respectiva moenda, porquanto já havia sido considerada a possibilidade dum futuro aumento, quando há poucos anos se construiu a nova fábrica.

Quanto aos descasques de arroz será aproveitada toda a maquinaria existente, — a de «A Ribatejana, S. A. R. L.» e a desta Companhia —, mas para isso terá de ser aumentado o edifício do nosso descasque.

Para fazer face a parte dos encargos com a concentração das referidas indústrias será necessário aumentar o nosso capital, pelo que para esse fim, obtida a aprovação do nosso Conselho Fiscal, oportunamente se convocará a Assembleia Geral Extrardinária.

Resultados — *Em virtude de maiores encargos, sem qualquer compensação, foram este ano mais reduzidos os lucros apurados, que se expressam em Esc. 521 723$65, para os quais propomos a seguinte distribuição:*

Fundo de Reserva Legal	52 165$00
Dividendo de 5 % sobre 93 786 acções . .	468 930$00
Saldo para conta nova	628$65
	521 723$65

Aveiro, 27 de Fevereiro de 1974.

O Conselho de Administração,

aa) Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, *Presidente*
Manuel Inocêncio Estrela Esteves
Paulo Seabra Ferreira da Fonseca
Egas da Silva Salgueiro
Alberto Casimiro Ferreira da Silva

Balanço Geral em 31 de Dezembro de 1973

ACTIVO

	Acções				
DISPONÍVEL E REALIZÁVEL					
Caixa				844 583$90	
Extractos em carteira				303 097$00	
Devedores Gerais				7 210 319$50	
Matérias Primas				2 624 652$62	
Produtos Fabricados				1 217 164$70	
Embalagens				243 013$20	12 442 830$92
PARICIPAÇÕES FINANCEIRAS					
«Labor Agrícola, Lda.»				4 299 900$00	
«A Ribatejana», SARL,	92 067	Acções	20 346 807$00		
«Progado» SARL.	1 928	»	1 928 000$00		
«Moagens Associadas», SARL	283	»	283 000$00		
«MUTUAL, C.ª de Seguros». SARL.	49	»	9 065$00		
Acções Próprias	2 214	»	226 270$80	22 793 142$80	27 093 042$80
IMOBILIZAÇÕES					
Instalações Fabris			15 282 396$81		
Reintegrações acumuladas -			4 560 679$78	10 721 717$03	
Armazém da Estação de C.º de Ferro				200 000$00	
Móveis e Equipamento de Escritórios				166 987$00	
Material do «Serviço de Transportes»				137 500$00	
Báscula «Avery»				20 000$00	
Sacaria de condução de cereais				752 600$00	
Armazém de sobressalentes				5 910$00	
Novas instalações dos Escritórios			325 973$80		
Reintegrações acumuladas -			26 077$90	299 895$90	12 309 609$93
Em construção					4 348 435$70
INCORPÓREO					
Custo da Emissão de Acções, 1971			63 859$30		
Amortizações acumuladas -			63 859$30		
CONTAS DE ORDEM					
Valores em Caução				80 000$00	
Fundo Corporativo — Sede : Lisboa			458 634$30		
Fundo Corporativo — Grémio: Coimbra			122 543$00	581 177$30	661 177$30
					56 855 096$65

PASSIVO

EXIGÍVEL		
CREDORES GERAIS :		
Contas «Cereais»	3 598 615$00	
Contas «Clientes /-Cauções»	139 658$00	
Fornecedores	262 879$40	
Bancos Contas Correntes	2 804 072$90	
Transitórias	63 017$90	6 868 243$20
Dividendos não reclamados		78 952$50
Aceites e Livranças em curso		1 900 000$00
		8 847 195$70
LONGO PRAZO :		
Conta Caucionada	24 000 000$00	
Saques e Livranças de «Financiamentos»	7 225 000$00	31 225 000$00
SITUAÇÃO LÍQUIDA		
CAPITAL		9 600 000$00
FUNDO DE RESERVA LEGAL	3 600 000$00	
FUNDO «RESERVAS LEGAIS»	2 400 000$00	6 000 000$00
RESULTADOS :		
Saldo do Exercício anterior	87 832$15	
Saldo do Exercício de 1973	433 891$50	521 723$65
CONTAS DE ORDEM :		
Credores por «Valores em Caução»	80 000$00	
Fundo de Reserva para FUNDOS CORPORATIVOS	581 177$30	661 177$30
		56 855 096$65

Aveiro, 31 de Dezembro de 1973.

O Guarda-Livros, Técnico de Contas,
a) *João Artur Trindade Salgueiro*

O Conselho de Administação,

aa) Pedro Grangeon Ribeiro Lopes - *Presidente*
Manuel Inocêncio Estrela Esteves
Paulo Seabra Ferreira da Fonseca
Egas da Silva Salgueiro - *Administrador-Delegado*
Alberto Casimiro Ferreira da Silva - *Administrador-Delegado*

Continua na página 10

Banco Borges & Irmão

Relatório e Contas

Senhores Accionistas:

1. Os países do mundo ocidental encontram-se envolvidos, desde há alguns meses, numa delicada conjuntura económica e política. Os recentes aumentos no preço do petróleo e as limitações no respectivo abastecimento vieram reforçar o já preocupante ritmo de agravamento da inflação e ameaçam não só travar a expansão económica como também desequilibrar profundamente as balanças de pagamentos da generalidade dos países europeus. A crise da energia, que parece prolongar-se, faz que as perspectivas económicas para 1974 se revistam de um alto grau de incerteza, devendo, no entanto, esperar-se que a produção global venha a ser gravemente afectada, durante, pelo menos, os primeiros meses do ano.
A indústria do Ocidente acabou de atravessar em 1972/73 o período de mais acentuada expansão dos últimos vinte anos, estimando-se que o produto global da O.C.D.E. tenha aumentado 7% em 1973 contra 4,8% em 1972. Tudo indica, no entanto, que a aceleração registada nos últimos meses de 1972 e em grande parte de 1973, em resposta à intensidade da procura, se encontra agora bastante atenuada e que a baixa conjuntura venha a manter-se durante o ano em curso, a menos que se modifique a situação internacional.
O nível do desemprego, tendo embora diminuído em grande número de países, mantém-se relativamente alto quando comparado com os valores registados em meados da década de sessenta. No que respeita à inflação, a maioria dos Governos foi tomando, durante o ano que findou, medidas crescentemente restritivas, com o objectivo de diminuir a pressão da procura sobre os preços. Infelizmente, o efeito dessas medidas acabou por ser contrariado pelo aumento do custo das matérias-primas — nomeadamente as de origem agrícola, o petróleo e os metais não ferrosos — e de produtos de base, como os alimentares. Deste modo, haverá que incluir na lista dos principais problemas para o ano corrente os que se relacionam com a persistência de uma inflação severa e com o aumento do desemprego.

2. O aumento dos preços das matérias-primas teve, com efeito, uma influência de primeiro plano na evolução da economia ocidental. Os preços do conjunto desses produtos sofreram aumentos duas a três vezes superiores aos apurados em geral. Em Agosto de 1973 parecia ter-se atingido o fim dessa escalada, mas, pouco depois, o agravamento da situação no Médio Oriente reacendeu-a, projectando-a, em alguns aspectos, para níveis sem precedentes.
Como causas deste fenómeno tem-se referido a quebra da produção agrícola mundial por habitante, ocorrida em 1972, os acréscimos da procura, especulativos ou com fins de segurança, originados pela instabilidade monetária internacional e a própria reacção dos países produtores no termo de uma série de anos de quebra relativa dos preços. No entanto, não deve omitir-se que, sendo a O.C.D.E. uma zona auto-suficiente em 80% no que respeita a matérias-primas, foi também importante, como causa interna, a quase simultaneidade do aumento da respectiva procura na maior parte dos países membros. Contrariamente ao que o abrandamento dessa procura fazia prever, a penúria de alguns produtos, a crise da energia e a manutenção de «stocks» especulativos e de precaução são factores que devem contribuir para que, em 1974, venha a produzir-se apenas um abrandamento muito limitado no ritmo de progressão dos preços.

3. Em paralelo com a expansão da procura interna, o comércio da zona da O.C.D.E. com o exterior deve ter registado, em 1973, o maior aumento anual do após-guerra: 14% em quantidade e 26% em valor. Os preços internacionais subiram também, em escala sem precedentes, devido às elevadas taxas internas de inflação, à espiral dos preços das matérias-primas em geral e, em particular, ao recente aumento do custo do petróleo. Para o ano em curso prevê-se um abrandamento nítido da expansão do comércio exterior da zona, o qual deverá ser acompanhado de um menor aumento dos preços dos produtos exportados; no entanto, os preços dos produtos importados poderão voltar a aumentar tanto como no ano transacto. Conta-se, por outro lado, que o volume das exportações aumente mais do que o das importações, facto que mitigaria em parte a prevista deterioração da balança comercial da O.C.D.E.

4. Manteve-se acidentado durante o ano findo o caminho da progressiva adequação do sistema monetário internacional às profundas transformações entretanto operadas. Logo em Janeiro de 1973, a Itália instituiu um duplo mercado cambial para a lira. O consequente afluxo de capitais italianos à Suíça levou a que o banco central deste país suspendesse as suas intervenções no mercado. O crescente agravamento do défice da balança de pagamentos dos Estados Unidos tinha entretanto minado ainda mais a já débil confiança no dólar, e logo foram canalizados pelos especuladores volumes consideráveis desta moeda para o Japão e para a Alemanha Federal.
Os principais mercados cambiais estiveram encerrados por alguns dias em meados de Fevereiro, tendo o dólar sido então novamente desvalorizado em cerca de 10% relativamente ao ouro, mediante a elevação do preço oficial do metal amarelo. Este evento esteve na base da fixação, em Portugal, de uma nova relação escudo-dólar, que correspondeu, para a nossa moeda, a uma valorização de cerca de 7% em relação à moeda americana e a uma desvalorização de, aproximadamente, 4% relativamente ao ouro.
Não obstante a desvalorização do dólar, logo nos princípios de Março o recrudescimento da especulação forçou a novo e mais prolongado período de encerramento dos mercados cambiais, durante o qual teve lugar a conferência monetária de Paris, na qual se chegou a um acordo sobre a solução provisória dos problemas monetários, resolvendo-se intensificar os trabalhos do «Grupo dos Vinte» países encarregados de estudar a reforma do sistema.
A taxa de câmbio central do escudo, entretanto, manteve-se. Os câmbios de um grande número de moedas entraram a flutuar em 19 de Março, tendo-se, no entanto, assistido, até meados de Maio, a um período de relativa calma, após o que se começaram a registar tendências muito divergentes. A partir dos fins de Julho, o dólar entrou em recuperação moderada, como reflexo do princípio de melhoria da balança de pagamentos norte-americana, recuperação essa que se intensificou desde princípios de Novembro, devido, em grande parte, à posição menos desvantajosa dos E.U.A. em relação à da Europa na crise dos combustíveis.

5. A economia da Metrópole parece ter pelo menos mantido, em 1973, o ritmo de expansão verificado no ano precedente, o qual se caracterizou, como se sabe, por uma aceleração na taxa de crescimento.
Ao sector primário continuou a não ser possível superar as dificuldades, em larga medida de carácter estrutural, que o têm afectado. No entanto, dentro desse condicionalismo, o ano que passou foi de certo modo favorável, mercê dos resultados obtidos em algumas produções agrícolas, na pecuária e na pesca. Nas indústrias extractivas parece estar a verificar-se algum progresso, visto que, por um lado, se manteve um ritmo intenso na exploração das pedreiras (sobretudo mármores) e, por outro, se registou maior procura e melhores cotações para algumas produções mineiras, tais como o volfrâmio, o cobre e o estanho.
A produção das indústrias transformadoras continuou a ser um dos principais motores da expansão do produto nacional. Segundo se estima, essa produção aumentou 12% em 1972 e os indicadores disponíveis apontam para a manutenção dessa taxa durante o ano que findou. A procura externa continuou a desempenhar papel importante como suporte desta evolução, que se reflectiu correspondentemente no sector dos bens de investimento. Registou-se um maior número de casos de saturação do equipamento — sobretudo nos sectores de bens intermediários — e parece ter diminuído um pouco a escassez de mão-de-obra. O valor das autorizações de investimento na indústria voltou a experimentar um acréscimo muito apreciável.
No domínio dos serviços também a evolução foi geralmente favorável. As diversas modalidades dos transportes ganharam movimento, o comércio interno continuou a expandir-se e a modernizar-se e crê-se que o fluxo turístico terá ultrapassado as marcas do ano anterior.
Não foi possível evitar que o clima de subida de preços que envolve o mundo ocidental deixasse de se reflectir na nossa economia. Sobretudo no último trimestre do ano a inflação avivou-se, contrariando o abrandamento conseguido a partir de meados de 1972. Continuaram a estar presentes os já conhecidos factores de ordem interna, os quais foram agora consideravelmente reforçados pelos aumentos de custo das matérias-primas importadas.
O nível de emprego manteve-se praticamente estacionário, e é possível que a corrente emigratória se aproxime de um ponto de inflexão, devido ao crescente número de casos de não renovação de contratos de trabalho que se está a verificar nos países de destino, cujas economias foram severamente afectadas pela crise que marcou o panorama internacional de fim de ano.
Em 1972, o investimento e a consequente formação de capital atingiram taxas de expansão que podemos considerar excepcionais. Embora seja ainda cedo para se tirarem conclusões seguras quanto ao ano findo, a identidade de sentidos na evolução de vários indicadores, tais como a importação e produção de bens de equipamento, as intenções de investimento na indústria e a distribuição de crédito a médio e longo prazos, faz supor que em 1973 se tenha verificado nova expansão.

6. Durante os primeiros dez meses de 1973 um aumento das exportações mais do que duplo do das importações permitiu uma certa atenuação do défice da balança comercial metropolitana. Registou-se uma inversão na tendência recente do comércio com o Ultramar, pois, em relação ao período homólogo de 1972, não só as vendas para esse mercado aumentaram cerca de 1 300 000 contos, como também diminuíram as compras dele originárias. A evolução neste sentido foi particularmente notória no caso do Estado de Angola, território com o qual a Metrópole viu reduzido o seu défice comercial, em Outubro, de quase dois milhões para pouco mais de trezentos mil contos.
Os mercados da E.F.T.A. tinham absorvido, nos últimos anos, quase 50% das exportações portuguesas, seguidos pelos dos países do Mercado Comum e, em percentagem bastante menor, pelo Ultramar. Com a passagem do Reino Unido e da Dinamarca da E.F.T.A. para a C.E.E., as posições alteraram-se: para a E.F.T.A., na sua composição actual, encaminharam-se, até Outubro, apenas 14% das exportações metropolitanas, enquanto que para o Ultramar se dirigiram 15%. A C.E.E. alargada, pelo contrário, absorveu cerca de 48% do total até então exportado.
Como nossos fornecedores, a posição relativa dos dois blocos comerciais manteve-se, acentuando-se naturalmente o predomínio do Mercado Comum.
A evolução dos saldos da balança cambial do Banco de Portugal durante grande parte do ano inculca que se tenha formado novo excedente na balança de pagamentos da zona do escudo, o qual, embora volumoso, se admite inferior ao precedente.

7. A expansão dos meios de pagamento (circulação monetária e depósitos) terá sido inferior à ocorrida em 1972, com relevo para os depósitos, quer à ordem, quer a prazo.
O número de novas sociedades continuou em aumento e, no mercado primário de títulos, as emissões de acções, depois de quase terem triplicado, em valor, de 1971 para 1972, mantiveram em 1973 um nível aproximado do anterior, com predomínio das emissões de empresas industriais. Relativamente às obrigações, parece que não terá tido continuidade o surto que se desenhou em 1972.
No mercado secundário, as transacções tiveram comportamento particularmente animado e, em dada altura processou-se uma intervenção sobre o funcionamento da Bolsa, no sentido de tornar menos especulativas as tendências do mercado, facto que não impediu, entretanto, que as cotações das acções subissem muito apreciavelmente. No que se refere às transacções de obrigações, já a tendência foi precisamente a inversa.

8. No exercício das suas funções, teve este Conselho, sempre presente, a preocupação de compatibilizar a observância das normas e recomendações tendentes a atenuar as pressões inflacionistas com o objectivo de alcançar uma rentabilidade adequada para os capitais próprios do Banco. Equilíbrio difícil de atingir face à constante subida dos custos de funcionamento, a postular uma melhoria dos índices de produtividade, que não é atingível sem um elevado grau de utilização dos fundos que afluem ao Banco.
Efectivamente, as «Despesas com o Pessoal» e as «Despesas Gerais» registaram acréscimos de 69 486 contos (29,5%) e 16 302 contos (19,5%), respectivamente, em relação aos valores por que se exprimiram no exercício anterior, sendo imputável o primeiro, em larga medida, ao necessário ajustamento operado na remuneração dos nossos colaboradores.
Houve, pois, que não descurar a aplicação dos depósitos, cuja evolução favorável se cifrou em 4 milhões e 82 mil contos, levando-os a atingir no final do ano a expressiva verba de 22 milhões e 456 mil contos. Daí que o saldo do crédito concedido tenha registado neste exercício uma variação positiva da ordem de 4 milhões de contos, mantendo-se a orientação de repartição sectorial, conjugada com a obediência aos critérios selectivos directa ou indirectamente definidos pelas autoridades monetárias.
Particular atenção continuou a merecer o crédito ao investimento em meios produtivos, e vários foram os projectos a que concedemos o nosso apoio financeiro, atingindo as operações desta natureza uma representatividade apreciável no total do crédito distribuído. Desejável será que se concretize com brevidade a intenção superiormente manifestada de promover a melhoria do esquema de funcionamento do crédito a médio prazo e do mecanismo de apoio do banco central, de modo a torná-lo mais exequível e eficiente e a permitir atribuir menor peso ao risco de liquidez, que nele assume especial relevância.
Mantiveram-se ao longo de 1973 — e denunciam mesmo tendência para se agravarem — as desfavoráveis condições de exploração da banca comercial, só atenuadas pela meritória acção desenvolvida pelas comissões para o efeito existentes no seio do nosso organismo corporativo e pelo contributo positivo das operações ligadas ao comércio externo e às transacções sobre valores de Bolsa.
As imobilizações técnicas registaram neste exercício um aumento de 81 946 contos, valor dos investimentos líquidos, implicados pelo crescimento do Banco e pela continuação da política de constante actualização, imprescindível à melhoria de produtividade e de qualidade dos serviços. As verbas mais significativas foram aplicadas em instalações — 50 499 contos —, mobiliário e material — 15 219 contos — e imóveis — 14 162 contos.

9. A situação financeira evoluiu durante o exercício no sentido de maior aproximação dos valores estabelecidos nas disposições legais definidoras das regras de liquidez e solvabilidade dos bancos comerciais. No seu termo, as disponibilidades de caixa ascendiam a cerca de 4 milhões e 286 mil contos e a margem de solvabilidade, definida pelo excedente do activo disponível e realizável sobre o passivo exigível, exprimia-se por 1 milhão e 216 mil contos, devendo considerar-se equilibrada a estrutura financeira do Banco.

10. Após terem sido efectuadas as dotações adequadas para fazer face ao depreciamento dos bens do activo imobilizado e reforçadas as provisões, em medida determinada por critérios de objectividade e prudência, apurou-se o resultado líquido do exercício de Esc. 105 180 596$77, o qual, adicionado ao montante que transitara do ano anterior, perfaz a quantia de Esc. 105 915 647$48, que a Conta de Lucros e Perdas apresenta como saldo. Afigurando-se justo que a remuneração ao capital, que tradicionalmente se tem mantido ao nível hoje considerado muito modesto de 6%, tenda para valores mais de harmonia com a evolução que se tem vindo a operar no mercado financeiro, permitimo-nos propor a aplicação seguinte para aquele saldo:

Fundo de Reserva Legal	11 000 000$00
Outros Fundos de Reserva	34 000 000$00
Cumprimento do n.º 2 do art.º 30.º dos Estatutos	4 410 000$00
Dividendo (8% cativo de impostos)	56 000 000$00
Conta Nova	505 647$48

11. Queremos manifestar ao Conselho Fiscal o nosso mais vivo reconhecimento pela forma criteriosa como desempenhou a sua missão e pelo valioso contributo que a sua experiência e saber nos proporcionaram na gestão dos interesses sociais.
A todos os elementos dos quadros de pessoal do Banco, bem como aos demais colaboradores, manifestamos com o maior prazer o nosso sincero agradecimento pela excelente colaboração recebida, facto da maior importância para a situação e resultados que o balanço exprime.

Porto, 31 de Janeiro de 1974

O Conselho de Administração

Miguel Gentil Quina – Presidente
José da Silva Braga
Rui de Carvalho e Cunha Fortes da Gama
Fernando José de Carvalho Sousa
Manuel Armando de Almeida Marques Guedes
Ruy Manuel Corte-Real de Albuquerque

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

DISPONÍVEL E REALIZÁVEL			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	3 582 610 708$43		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	431 922 402$69		
Promissórias de Fomento Nacional	271 000 000$00	4 285 533 111$12	
Correspondentes no Estrangeiro	246 532 193$89		
Ouro, Moedas e Notas Diversas	46 722 281$61		
Carteira de Títulos e Cupões	1 291 876 632$16		
Carteira Comercial	14 915 656 156$89		
Letras sobre o Estrangeiro	647 711 995$15		
Correspondentes no País	45 496 905$75		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	982 735 930$53		
Devedores e Credores	560 892 053$ .5		
Empréstimos a mais de um ano	1 705 516 717$10		
Outros Valores Realizáveis	19 285 960$43	20 462 426 827$06	24 747 959 938$18
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras		253 950 658$01	
Despesas de Constituição e de Instalação			
Custo	218 441 788$95		
Amortização	146 744 626$05	71 697 162$90	
Mobiliários e Material			
Custo	79 925 010$56		
Amortização	39 338 561$06	40 586 449$50	
Imóveis			
Custo	286 845 953$47		
Amortização	12 845 903$67	274 000 049$80	
Outros Valores Imobilizados			
Custo	10 806 643$20		
Amortização	3 467 355$60	7 339 287$60	647 573 607$81
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Contas Transitórias e de Regularização		12 130 478 434$52	12 130 478 434$52
			37 526 011 980$51
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia		9 678 400 821$26	
Valores Recebidos em Caução		4 735 287 008$93	
Devedores por Garantias e Avales Prestados	2 706 508 782$71		
Devedores por Aceites	3 990 482 399$45		
Devedores por Créditos Abertos	2 156 882 773$78	8 853 873 955$94	
Outras Contas de Ordem		1 743 264 366$74	25 010 826 152$87
			62 536 838 133$38

O Director dos Serviços de Contabilidade **Carlos Mendes**

PASSIVO

EXIGÍVEL			
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	9 640 688 672$95		
Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	8 272$70		
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	1 063 356 742$45		
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	11 752 080 544$39	22 456 134 232$49	
Cheques e Ordens a Pagar	220 083 052$73		
Exigibilidades Diversas	22 949 442$37		
Correspondentes no País	9 615 557$11		
Correspondentes no Estrangeiro	28 840 264$11		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	83 461 286$20		
Devedores e Credores	711 139 993$48	1 076 089 596$00	23 532 223 828$49
NÃO EXIGÍVEL			
Contas Transitórias e de Regularização		11 866 377 578$74	
Mais-Valia da Carteira de Títulos		270 549 647$53	
Provisões Diversas		246 243 672$35	12 383 170 898$62
CAPITAL E RESERVAS			
Capital		700 000 000$00	
Fundo de Reserva Legal		110 000 000$00	
Outros Fundos de Reserva		694 701 605$92	1 504 701 605$92
RESULTADOS			
Lucros e Perdas			
Saldo do exercício anterior		735 050$71	
Resultados do exercício		105 180 596$77	105 915 647$48
			37 526 011 980$51
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia		9 678 400 821$26	
Credores por Valores Recebidos em Caução		4 735 287 008$93	
Garantias e Avales Prestados	2 706 508 782$71		
Aceites	3 990 482 399$45		
Créditos Abertos	2 156 882 773$78	8 853 873 955$94	
Outras Contas de Ordem		1 743 264 366$74	25 010 826 152$87
			62 536 838 133$38

O Conselho de Administração

CONTA DE LUCROS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1973

DÉBITO

Juros e Comissões a Nosso Cargo		730 786 338$70
Contribuições e Impostos		17 971 906$91
Despesas com o Pessoal		
Remunerações dos Órgãos Sociais	7 505 697$00	
Remunerações dos Empregados	258 604 362$66	
Encargos Sociais Obrigatórios	23 658 259$60	
Outros Encargos	14 905 427$20	304 673 746$46
Despesas Gerais		
Publicidade	14 959 175$35	
Conservação de Instalações, Mobiliário e Material	4 776 143$60	
Outras Despesas	80 052 388$95	99 787 707$90
Encargos Diversos		867 052$60
Provisões e Amortizações		
Dotações para Provisões Diversas	81 492 426$47	
Dotações para Contas de Amortização	33 530 347$10	115 022 773$57
		1 269 109 526$14
Saldo		105 915 647$48
		1 375 025 173$62

CRÉDITO

Saldo do exercício anterior		735 050$71
Juros e Comissões a Nosso Favor	1 182 652 958$27	
Resultados em Operações Cambiais e Sobre Títulos	138 432 076$66	
Rendimento de Títulos de Crédito	22 589 197$53	
Outros Rendimentos, Receitas e Lucros	30 615 890$45	1 374 290 122$91
		1 375 025 173$62

O Director dos Serviços de Contabilidade

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

1. No cumprimento das obrigações que por Lei nos são atribuídas, temos a honra de apresentar a V. Ex.as o relatório sobre a acção fiscalizadora que exercemos ao longo do exercício de 1973, bem como o nosso parecer sobre o relatório, balanço, contas e propostas que a Administração submete à vossa apreciação.

2. Acompanhámos atentamente a gestão e a evolução do Banco ao longo do ano que findou e procedemos periodicamente às verificações que são da nossa competência, nomeadamente à análise e controlo das disponibilidades de caixa e de outras classes de valores patrimoniais, debruçando-nos igualmente sobre os critérios que presidiram à distribuição de crédito. E não deixamos de proceder também à apreciação dos encargos e proveitos, quer quanto ao valor por que se exprimiam, quer pelo prisma da sua origem. A nossa tarefa foi sempre extremamente facilitada pela prontidão e mesmo espontaneidade com que nos foram facultados os elementos e esclarecimentos necessários, atitude pela qual manifestamos o nosso reconhecimento.

Como resultado da nossa actividade, podemos afirmar a regularidade dos livros e demais órgãos de registo, bem como dos documentos que serviram de suporte às operações neles relevadas, e uma perfeita observância, quer na contabilidade, quer nos actos de administração, dos preceitos legais e estatutários.

3. O Balanço e a conta de Lucros e Perdas foram objecto de atenta análise, que nos permitiu concluir pela sua exactidão.
Mantiveram-se os critérios de valorimetria que vêm sendo uniformemente seguidos e que consideramos conducentes a uma correcta expressão do património e determinação dos resultados. Neles se atendeu às disposições legais aplicáveis e se usou da prudência aconselhável.
Às notas e moedas estrangeiras foi atribuído o valor médio entre os últimos câmbios de compra e venda e para os outros valores em moeda estrangeira utilizou-se a relação («cross-rate») entre o escudo e as diferentes moedas, resultante das respectivas paridades oficiais. O ouro, amoedado ou em barra, foi valorado segundo o seu peso em ouro fino, nos termos legalmente definidos.
A valorimetria da Carteira de Títulos continuou a basear-se na última cotação efectuada nas Bolsas de Lisboa ou Porto, quando ela se haja registado há menos de um ano e, na sua falta, no valor presumível de realização prudentemente determinado. A diferença entre o valor assim apurado e o custo médio dos títulos está expressa na conta de Mais-Valia da Carteira de Títulos. Às Participações Financeiras foi atribuído o valor de aquisição.
Na imobilizações técnicas observou-se o critério das quotas constantes, com aplicação das taxas estabelecidas na Portaria n.º 21 867, de 12 de Fevereiro de 1966, excepto no que respeita à amortização das Despesas de Constituição e de Instalação que, em obediência ao disposto no parágrafo único do artigo 70.º do Decreto-Lei n.º 42 641, deve operar-se nos três exercícios posteriores ao da sua realização.

4. Podemos, pois, concluir que os documentos que vos são apresentados traduzem com fidelidade a situação patrimonial e os resultados obtidos e obedecem às disposições da Lei e dos Estatutos, pelo que, e tendo presente o parecer favorável já emitido pelo Conselho Geral do Banco, somos de parecer:

1. Que o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1973 merecem ser aprovados;
2. Que deve igualmente ser aprovada a proposta do Conselho de Administração para a aplicação do saldo da conta de Lucros e Perdas;
3. Que seja tributado um voto de bem merecido louvor ao Conselho de Administração, pela forma dedicada e criteriosa com que serviu a Instituição, conseguindo, uma vez mais, inteiro êxito na sua difícil missão.

Porto, 7 de Fevereiro de 1974

O Conselho Fiscal

Fernando Duarte de Azeredo Antas
em representação de
ATLAS, Companhia de Seguros — *Presidente*
José Gualberto de Sá Carneiro
Manuel Pinto de Azevedo Júnior
em representação de Indústria Têxtil do Ave

Associado do **BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL**

Continuação da página 7

Conta de Resultados

DÉBITO

EXISTÊNCIA DE PRODUTOS, I - Janeiro - 1973		
Da Moagem de Trigo	1 514 022$80	
Do Descasque de Arroz	175 517$75	1 689 540$55
MATÉRIAS PRIMAS CONSUMIDAS		
Trigo, Centeio e Farinha de milho	30 638 529$70	
Arroz em casca e/ ou película	8 049 093$95	
Sêmeas, Cereais forrageiros	581 198$00	
Produtos da «Ante-limpesa»	2 975$00	39 271 796$65
PRODUTOS ACABADOS ADQUIRIDOS P/ VENDA		
F. N. I. M. — Farinha «1.ª Qualidade»	5 695 165$00	
F. N. I. M. — Farinha «Lotada»	1 894 260$00	7 589 425$00
TAXAS E DIFERENCIAIS		
Moagem de Trigo	228 185$00	
Descasque de Arroz	647 077$79	875 262$79
GASTOS GERAIS, FABRIS		
Contribuição Industrial	290 857$00	
Moagem de Trigo	2 237 206$10	
Descasque de Arroz	731 793$05	
Farinhas para gados	69 027$45	3 328 883$60
DESPESAS GERAIS		
Administração, Pessoal e Expediente	1 247 775$80	
Encargos Financeiros	812 175$70	
Impostos e Encargos Para-Fiscais	453 916$30	
Reparações e manutenção de edifícios fabris	100 617$50	
Acção Social, facultativa	38 504$20	2 652 989$50
REINTEGRAÇÕES E AMORTIZAÇÕES		
De Instalações Fabris	622 451$05	
De Incorpóreo, não inicial	31 934$50	654 385$55
Resultado do Exercício		433 891$50
		56 496 175$14

CRÉDITO

VENDAS		
Produtos da Moagem de Trigo	37 950 169$80	
Produtos do Descasque de Arroz	9 328 401$86	
Farinhas para Gados	818 870$70	48 097 442$36
COMPENSAÇÕES E DIFERENCIAIS		
Subsídios sobre «Farinha Lotada»	5 179 849$00	
Moagem de Trigo	825 172$20	
Descasque de Arroz	1 035 975$88	7 040 997$08
EXISTÊNCIA DE PRODUTOS, 31-Dezembro-1973		
Produtos em fabricação		137 445$00
Da Moagem de Trigo	1 214 189$70	
De Farinhas para Gados	2 975$00	1 217 164$70
OUTRAS RECEITAS		56 493 049$14
Recuperações - Reembolso parcial do Imposto Complemenetar		3 126$00
		56 496 175$14

Aveiro, 31 de Dezembro de 1973.

O Guarda-Livros, Técnico de Contas,

a) *João Artur Trindade Salgueiro*

O Conselho de Administração,

aa) Pedro Grangeon Ribeiro Lopes - *Presidente*
Manuel Inocêncio Estrela Esteves
Paulo Seabra Ferreira da Fonseca
Egas da Silva Salgueiro - *Administrador-Delegado*
Alberto Casimiro Ferreira da Silva - *Administrador-Delegado*

Inventário das participações financeiras em 31 de Dezembro de 1973

	Quantidade	*Valor nominal*	*Preço Médio de Compra*	*Cotação na Bolsa*	*Valor do Balanço*		*Valor total de aquisição*	*Diferenças*	
					Unitário	*Total*		*Flutuação de valores*	*Perdas levadas a resultados*
1.1 — QUOTAS									
«LABOR AGRÍCOLA, LDA.»	4	999 900$00				4 299 900$00	4 299 900$00	—	—
1.2 — ACÇÕES									
«COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS», SARL.	2 214	100$00	102$20	—	102$20	226 270$80	226 270$80	—	—
«MOAGENS ASSOCIADAS», SARL.	283	1 000$00	1 000$00	—	1 000$00	283 000$00	283 000$00	—	—
«PROGADO» - Sociedade Produtora de Rações», SARL.	1 928	1 000$00	1 000$00	—	1 000$00	1 928 000$00	1 928 000$00	—	—
«MUTUAL - Companhia de Seguros», SARL.	49	180$00	185$00	—	185$00	9 065$00	9 065$00	—	—
«A RIBATEJANA». SARL.	92 067	100$00	221$00	—	221$00	20 346 807$00	20 346 807$00	—	—
						27 093 042$80	27 093 042$80		

Aveiro, 31 de Dezembro de 1973.

O Guarda-Livros, Técnico de Contas,

a) *João Artur Trindade Salgueiro*

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO,

aa) Pedro Grangeon Ribeiro Lopes - *Presidente*
Manuel Inocêncio Estrela Esteves
Paulo Seabra Ferreira da Fonseca
Egas da Silva Salgueiro - *Administrador-Delegado*
Alberto Casimiro Ferreira da Silva - *Administrador-Delegado*

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas :

Em cumprimento da Lei e dos nossos Estatutos, cumpre-nos apresentar o nosso parecer sobre o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1973.

I — Tendo procedido periodicamente à verificação dos elementos da contabilidade, foi-nos grato constatar satisfazerem os requisitos legais;

II — Os critérios valorimétricos aplicados correspondem aos preceitos legais e usos tradicionais, permitindo a justa avaliação do Património e a exacta determinação da conta de Resultados do Exercício;

III — Finalmente, registamos os esforços da Administração no sentido de um maior desenvolvimento da Companhia, com vista a melhores resultados futuros.

Assim, temos a honra de propor :

1.º — Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas do Exercício de 1973;

2.º — Que seja aprovada a proposta apresentada para aplicação da Conta de Resultados;

3.º — Que seja aprovado um voto de merecido louvor ao Conselho de Administração, especialmente aos Administradores Delegados, pela acção desenvolvida.

Aveiro, 14 de Março de 1974.

O Conselho Fiscal,

João da Costa Belo, Presidente
José Cardoso de Melo Couceiro
José Machado Amador

EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, S. A. R. L.

Relatório, Balanço e Contas — 1973

RELATÓRIO BALANÇO E CONTAS DE ADMINISTRAÇÃO

Exercício de 1973

Senhores Accionistas:

Em conformidade com as determinações legais e estatutárias, vimos trazer à apreciação de Vossas Excelências o RELATÓRIO, BALANÇO E CONTAS do ano de 1973.

— A Pesca do Bacalhau, nossa base principal na exploração da pesca longínqua, não só por aumento das águas territoriais do Canadá e Groenlandia que fez diminuir as capturas, mas também devido ao reduzido preço tabelado para o bacalhau seco, não deu resultados compensadores.

— A fim de ter uma frota mais eficiente e poder efectuar pescas em quaisquer outros mares está o proceder-se à renovação da frota longínqua.

— Os resultados do presente exercício foram de Esc. 3 600 002$47, que acrescidos aos saldos dos exercícios anteriores totalizam Esc. 4 279.397$17 para os quais propomos a seguinte distribuição:

Fundo de Reserva Legal	200 000$00
Idem, Idem Variável	90 830$00
Dividendo	3 982 500$00
Saldo para conta nova	6 067$17
	4 279 397$17

Aveiro, 25 de Fevereiro de 1974.

O Conselho de Administração

Egas da Silva Salgueiro, Presidente
D. Diogo Passanha
Pedro Grangeon Ribeiro Lopes
Hernâni Henriques Salgueiro
Paulo Seabra Ferreira da Fonseca

BALANÇO GERAL DA «EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, S.A.R.L.», EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO				
IMOBILIZADO				
DESPESAS DE ESTABELECIMENTO		1 704 144$11		
Reintegrações (-)		1 684 655$07	19 489$04	
IMOBILIZAÇÕES				
Frota	248 591 934$45			
Instalações Industriais . .	51 113 010$92			
Imóveis	5 016 351$84			
Material de Transporte . .	1 269 817$50			
Móveis e Utensílios	2 320 809$05			
Central Telefónica	260 497$40	308 572 421$16		
Reintegrações (-)		141 277 272$80	167 295 148$36	
IMOBILIZAÇÕES EM CURSO			32 103 785$15	
MARCAS			1 280 000$00	200 698 422$55
DE RESERVA E FRUIÇÃO				
PARTICIPAÇÃO EM SOCIEDADES			27 494 050$96	
Provisões (-)			1 271 727$76	26 222 323$20
REALIZÁVEL				
ARMAZÉM		24 890 286$67		
Provisões (-)		2 376 934$60	22 513 352$07	
DEVEDORES E CREDORES				
Pagamentos por conta de novas construções		38 657 960$20		
Débitos do movimento normal	38 252 505$11			
Provisões (-)	1 158 213$15	37 094 291$96	75 752 252$16	
AVANÇOS				
Adiantamentos às tripulações			700 310$40	
BANCOS				
Depósitos a prazo e coberturas a efectuar			5 160 057$70	
EFEITOS A RECEBER				
Valor dos nossos saques em carteira . . .			25 610 320$10	
ENCARGOS DE EXPLORAÇÃO				
Pesca do Bacalhau — Campanhas de 1973 e 1974 Despesas até à data			30 958 107$54	160 684 399$97
DISPONÍVEL				
CAIXA			363 240$08	
BANCOS			649 997$72	1 013 237$80
CONDICIONADO				
VALORES CONDICIONADOS				
G.A.N.P.B. — C/ Fundo Corporativo . . .			3 369 029$25	
M.N.B. — C/ Reservas Livres			3 800 870$00	
G.I.C.P.N. — C/ Fundo Corporativo			258 055$45	7 427 954$70
CONTAS DE ORDEM				12 638 000$00
				408 694 338$22

PASSIVO				
EXIGÍVEL				
A Curto e Médio Prazo				
DEVEDORES E CREDORES		34 014 864$43		
EMPRÉSTIMOS CONTRAÍDOS				
Fundo de Renovação e de Apetrechamento da Indústria da Pesca		3 978 141$20		
IMPOSTO DE TRANSACÇÕES		588$80		
DIVIDENDOS		15 592$10		
EFEITOS A PAGAR		5 200 682$00		
BANCOS				
— Contas Caucionadas . . .	40 716 054$35			
— Outros créditos	4 614 649$00	45 330 703$35	88 540 571$88	
A Longo Prazo				
EMPRÉSTIMOS CONTRAÍDOS				
Fundo de Renovação e de Apetrechamento da Indústria da Pesca			27 172 244$50	115 712 816$38
SITUAÇÃO LÍQUIDA				
INICIAL				
CAPITAL		90 000 000$00		
ADQUIRIDA				
RESERVAS				
Reserva Legal	10 500 000$00			
Reserva Variável	6 500 000$00			
Reserva de Amortizações Gerais	25 000 000$00			
Reserva de Novas Construções	52 000 000$00			
Reserva de Reavaliação . . .	69 207 999$97			
Reserva de Investimentos . .	4 000 000$00			
Reserva de Flutuação de Valores	4 328 170$00			
Reserva de Contribuições e Impostos	7 100 000$00	178 636 169$97		
LUCROS E PERDAS				
Saldo dos Exercícios Anteriores	679 394$70			
Resultados do Exercício de 1973	3 600 002$47	4 279 397$17	272 915 567$14	
CONDICIONADA				
RESERVAS CONDICIONADAS				
Fundo Corporativo do G.A.N.P.B.		3 369 029$25		
Reservas Livres da M.N.B.		3 800 870$00		
Fundo Corporativo do G.I.C.P.N.		258 055$45	7 427 954$70	280 343 521$84
CONTAS DE ORDEM				12 638 000$00
				408 694 338$22

Aveiro, 31 de Dezembro de 1973

O Guarda-Livros

Manuel da Silva Reis

O Conselho de Administração

Egas da Silva Salgueiro, Presidente
Diogo Passanha
Pedro Grangeon Ribeiro Lopes
Hernâni Henriques Salgueiro
Paulo Seabra Ferreira da Fonseca

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE «LUCROS E PERDAS»

DESCRIÇÃO	Imputação de Encargos: Serviços	Imputação de Encargos: Outros	Resultados Sectoriais: Pesca e Secagem	Resultados Sectoriais: Conservas	Resultados Sectoriais: Diversos	Totais
SALDO DE EXERCÍCIOS ANTERIORES			$	$	679 394$70	679 394$70
EXISTÊNCIAS NO TEMPO DO EXERCÍCIO			6 172 435$10	3 745 160$73		9 917 595$83
PROVEITOS — Vendas e cedências			124 259 251$25	53 867 442$00	64 975$22	178 191 668$47
PROVEITOS — Receitas diversas			427 909$68	1 191 522$53	18 087$00	1 637 519$21
PROVEITOS — Receitas da exploração de anos anteriores			31 506$80	26 320$00	$	57 826$80
PROVEITOS — Redução de reservas e provisões			$	$	5 536 469$15	5 536 469$15
PROVEITOS — Lucro na venda de elementos do activo imobilizado, de acções e flutuação de valores			$	$	21 084 729$40	21 084 729$40
PROVEITOS — Imputação de rendimentos financeiros e outros			1 919 121$00	871 318$76	479 784$40	3 270 224$16
			132 810 223$83	59 701 764$02	27 863 439$87	220 375 427$72
EXISTÊNCIAS NO INÍCIO DO EXERCÍCIO	$	$	2 414 392$30	8 288 311$79	$	10 702 704$00
AQUISIÇÃO DE PRODUTOS FABRICADOS	$	$	$	1 503 848$60	$	1 503 848$60
CUSTOS — Remunerações e outros encargos com o pessoal	381 931$50	3 764 605$70	39 012 616$70	3 577 446$05	$	46 736 600$75
CUSTOS — Encargos para o Fundo do Desemprego	3 989$90	60 698$20	517 292$15	102 359$25	$	684 339$50
CUSTOS — Idem para instituições de previdência	37 156$10	480 632$50	4 927 200$70	534 831$20	$	5 979 820$50
CUSTOS — Matérias-primas e auxiliares	$	$	237 257$30	25 766 645$18	$	26 003 902$48
CUSTOS — Mercadorias e material de consumo	53 289$10	$	34 352 277$03	8 574 588$00	$	42 980 154$13
CUSTOS — Manutenção, reparação, despesas de porto e seguros	751 208$08	138 197$53	40 349 415$18	1 479 921$07	$	42 980 154$13
CUSTOS — Taxas, licenças, donativos, expediente e encargos	35 525$60	1 091 735$90	3 035 382$65	1 210 605$94	$	5 373 250$09
CUSTOS — Juros, despesas bancárias e comissões	$	5 117 599$91	91 006$00	848 617$60	$	6 057 223$51
CUSTOS — Contribuições e impostos	$	4 536 938$00	$	$	$	4 536 938$00
CUSTOS — Publicidade e propaganda	$	50 916$80	$	$	$	50 916$80
CUSTOS — Reintegrações	$	213 290$11	21 217 809$50	905 812$64	$	22 336 912$25
CUSTOS — Encargos da exploração de anos anteriores	$	$	428 876$00	47$40	$	428 923$40
CUSTOS — Outros prejuízos	$	$	816$70	$	87 727$89	88 544$59
	1 263 100$28	15 454 614$65	146 584 342$21	52 793 035$52	87 727$89	216 182 820$55
DEDUÇÕES E TRANSFERÊNCIAS — de Serviços executados	— 86 790$00	$	$	$	$	86 790$00
DEDUÇÕES E TRANSFERÊNCIAS — da Exploração de Serviços	— 1 176 310$28		397 364$93	778 945$35	$	$
DEDUÇÕES E TRANSFERÊNCIAS — de Outros Encargos		— 15 454 614$65	14 198 197$44	1 256 417$21	$	$
	$	$	161 179 904$58	54 828 398$08	87 727$89	216 096 030$55
RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1973 — Negativos			28 369 680$75	$		
RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1973 — Positivos			$	4 873 365$94	27 096 317$28	3 600 002$47
Saldo de EXERCÍCIOS ANTERIORES			$	$	679 394$70	679 394$70
			132 810 223$83	59 701 764$02	27 863 439$87	220 375 427$72

Aveiro, 31 de Dezembro de 1973

O Guarda-Livros
Manuel da Silva Reis

O Conselho de Administração

Egas da Silva Salgueiro, Presidente
Diogo Passanha
Pedro Grangeon Ribeiro Lopes
Hernâni Henriques Salgueiro
Paulo Seabra Ferreira da Fonseca

Continua na página seguinte

Continuação da página 11

INVENTÁRIO DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

DESIGNAÇÃO	Quantidade	Valor nominal	Preço médio de compra	Cotação na Bolsa	Valor de Balanço — Unitário	Valor de Balanço — Total	VALOR TOTAL DE AQUISIÇÃO	Diferenças — Flutuação de Valores	Diferenças — Perdas levadas a resultados
1 — Participações financeiras:									
1.1 — Quotas									
José da Silva Gama & C.ª Lda.ª — PORTO						11 250$00	11 250$00		
Reboques e Transportes Marítimos, Lda. — AVEIRO						1 320 0000$00	1 320 00$00		
Sociedade de Produtos de Óleo e Farinhas de Peixe, Lda. — MATOSINHOS		60 000$00	600 000$00			600 000$00	600 000$00		
«SOFRIO» — Sociedade de Frigoríficos de Aveiro, Lda. — AVEIRO						26 000$00	26 000$00		
						1 957 250$00	1 957 250$00		
1.2 — Acções									
«A Mutual do Norte» — PORTO	122	100$00	180$00	$	180$00	21 960$00	21 960$00	$	$
«ANCORA» — Sociedade de Navegação Aveirense — AVEIRO	75	1 000$00	1 000$00	$	1 000$00	75 0000$00	75 000$00	$	$
Companhia de Seguros Tranquilidade — LISBOA	25	500$00	3 000$00	16 000$00	16 000$00	400 000$00	75 000$00	325 000$00	$
Cooperativa dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau — LISBOA	344	1 000$00	1 000$00	$	1 000$00	344 000$00	344 000$00	$	$
Cooperativa dos Armadores da Pesca da Sardinha — LISBOA	1	100$00	100$0	$	100$00	100$00	100$00	$	$
Cooperativa Eléctrica da Gafanha da Nazaré — ILHAVO	1	100$00	100$0	$	100$00	100$00	100$00	$	$
«COPABA» — Cooperativa Distribuidora de Bacalhau — LISBOA	35	1 000$00	1 000$00	$	1 000$00	35 000$00	35 000$00	$	$
«COPENAVE» — Cooperativa Abastecedora de Navios — LISBOA	7 932	100$00	100$00	$	100$00	793 200$00	793 200$00	$	$
«CORESA» — Conserveiros Reunidos — LISBOA	250	1 000$00	1 000$00	$	1 0 0$00	250 000$00	250 000$00	$	$
Empresa de Pesca de Aveiro — AVEIRO	10 350	1 000$00	1 000$00	$	1 0 0$00	10 350 000$00	10 350 000$00	$	$
«MESSA» — Máquinas de Escrever — MEN MARTINS	6 781	100$00	100$00	$	100$00	678 10$00	678 100$00	$	$
Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau — LISBOA	7 588	1 000$00	1 000$00	$	1 000$00	7 588 000$00	7 588 000$00	$	$
«SONEFE» — LISBOA	317	500$00	500$00	510$00	510$00	161 670$00	158 500$00	3 170$00	$
«UNICOL» — União Industrial e Comercial de Peixe de Lucira — MOÇAMEDES	60	1 000$00	1 000$00	$	1 000$00	60 0000$00	60 000$00	$	$
Desembolso por conta de 10 000 acções da Cooperativa dos Armadores da Pesca do Arrasto — LISBOA		$	$	$	$	7 948$20	7 943$20	$	$
						20 765 073$20	20 436 903$20	328 170$00	
2.2 — Participações no estrangeiro: (sem cotação)									
2.2.4 — Valor de 70.000.000 de francos marroquinos antigos, aplicados na Société Chérifienne des Entreprises de Pêche «Aveiro-Maroc» — Agadir — MARROCOS, a $68,17 cada franco						3 500 000$00	4 771 727$76		
A deduzir — Diferença entre o valor de aquisição e o valor de compra da última cotação de 700.000 DH a 5$00 — 1.271.727$76						$	$		1 271 727$76
						3 500 000$00	4 771 727$76	$	1 271 727$76
TOTAL						26 222 232$20	27 165 880$96	328 170$00	1 271 727$76

Aveiro, 31 de Dezembro de 1973

O Guarda-Livros

Manuel da Silva Reis

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Egas da Silva Salgueiro, Presidente
D. Diogo Passanha
Pedro Grangeon Ribeiro Lopes
Hernani Henriques Salgueiro
Paulo Seabra Ferreira da Fonseca

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Procedeu este Conselho Fiscal à análise atenta do RELATÓRIO BALANÇO E CONTAS do exercício de mil novecentos e setenta e três apresentados pelo Conselho de Administração, documentos que, de harmonia com as disposições legais e estatutárias, encontrou em perfeita ordem e clareza.

Examinou, também, o valor das existências, tendo o prazer de verificar que os critérios que presidiram à sua valorimetria foram, depois de cuidadosamente estudados, calculados escrupulosamente, pelo que tem a honra de propôr:

1.º — Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas do exercício de mil novecentos e setenta e três, apresentados pelo Conselho de Administração;

2.º — Que seja igualmente aprovada a proposta para aplicação dos lucros líquidos apresentada pelo mesmo Conselho;

3.º — Que aproveis um voto de louvor e agradecimento ao Conselho de Administração, e, em especial, ao seu Administrador-Delegado, pelo superior zelo, competência e dedicação com que sempre dirigiu os destinos da Empresa;

4.º — Que a todo o pessoal da Empresa seja manifestado o apreço merecido pela sua dedicação, eficiência e leal colaboração.

Aveiro, 12 de Março de 1974.

O CONSELHO FISCAL,

aa) **Leonardo José dos Reis Carvalho**
Manuel Inocêncio Estrela Esteves

Pela Fundação Roeder

Henrique Dambert Moutela

EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, S.A.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

A pedido do Conselho de Administração convoco os Snrs. Accionistas da Empresa de Pesca de Aveiro, S.A.R.L. a reunirem-se em Assembleia Geral Extraordinária no dia 17 de Maio do corrente ano pelas 15 horas, na nossa Sede social, à Estrada da Barra, n.º 9, em Aveiro, com a seguinte ordem de trabalho:

— Deliberar sobre o aumento do capital social.

Aveiro, 23 de Abril de 1974

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

a) **Alberto Casimiro Ferreira da Silva**

Bombeiros do Distrito de Aveiro

Cont. da primeira página

prof. Castelo Branco): o Vice-Presidente da Direcção da aniversariante, Eng.º Fausto Gonçalves, que, depois de judiciosas considerações, leu uma expressiva mensagem do Presidente, Dr. Vítor Gonçalves, ausente por motivo de luto; Arnaldo de Azeredo Pais, um homem profundamente vinculado à Corporação em festa; o Comandante Toscano Pessoa, em representação da Liga; o Dr. Faria Gomes e o Eng. João Barrosa; o jornalista Azevedo Pinto (Rijo), para ler um inspirado e alusivo poema da sua autoria; e, por fim, o Vice-Presidente (em exercício da presidência) da Câmara Municipal de Viseu, Eng.º Coelho de Araújo. Cumulada de gentilezas na cidade de Viriato, a «embaixada» aveirense veio dali convencida de que Viseu e Aveiro serão, em breve, concretizada e fraterna unidade numa perfeita aglutinação de mais de meia centena de corporações de Bombeiros — quem sabe se num primeiro e decisivo passo para se abolirem, também noutros domínios, escusadas, e mesmo nefastas, «fronteiras» territoriais, apenas aceitáveis no âmbito da legal orgânica administrativa.

Na Assembleia Nacional: Apelos dos (e aos) B.D.A.

Na sessão da Assembleia Nacional de 17 do corrente, o Deputado, pelo Círculo de Viseu, Dr. Fausto Montenegro, no período «Antes da Ordem do Dia», abordou problemas relacionados com as corporações de Bombeiros: foi brilhante no conceito e na forma; foi, sobretudo, corajoso nas suas afirmações. Depois de evidenciar a valia social do voluntariado e de citar números que dão eloquente ideia do nobre esforço de muitos milhares de portugueses nos serviços gratuitos de Bombeiros, focou um anseio crucial, há muito proposto (e decorrente dos dois últimos e sucessivos Congressos Nacionais, de Aveiro e Viseu), que, não obstante a aprovação unânime dos Bombeiros portugueses, ainda não obteve o mínimo despacho superior: a criação de um «organismo específico, autónomo e permanente, a nível dos altos comandos nacionais, com directa jurisdição na orgânica e na dinâmica dos bombeiros portugueses», necessariamente coordenador de todos os diversos (e dispersos) meios de socorrismo. Referindo as atinentes teses, que partiram ambas de Aveiro (ainda que uma delas tenha sido proposta e votada em Viseu), disse que o «voluntarismo aveirense /.../ espalha seus frutos e suas experiências por todo o País». E apelou para a «Comissão Directiva e Executiva dos Bombeiros do Distrito de Aveiro» (que — disse —, aglutinando, «sob a mesma bandeira, as 26 corporações de voluntários do distrito, é paradigma das nobres iniciativas») para que também batalhe por uma «indispensável associação mútua de seguros», a qual se pretende que contemple os vários riscos, pessoais e materiais, dos corpos de bombeiros, com a desejada amplitude e eficiência e, naturalmente, com benéficos reflexos económicos para os segurados e para os municípios que, em parte, têm custeado os respectivos encargos. A voz do orador foi eco — na genérica defesa das legítimas aspirações dos Bombeiros portugueses — das palavras, muito antes proferidas no mesmo areópago, pelo Eng.º Amaral Netto (Presidente da Assembleia Nacional) e pelo Deputado pelo Círculo de Aveiro Doutor Cancella de Abreu — que, num aparte de concordância ao discurso do seu par, recordou que a primeira vez que falou naquela casa foi precisamente para se «bater a favor dos bombeiros voluntários», aventando a possibilidade de voltar, ali, com sua palavra, ao importante tema.

A Vigésima Sexta

A «Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oliveira do Bairro» — a 26.ª dos «Bombeiros do Distrito de Aveiro» — é uma realidade: aprovados os respectivos Estatutos, elegeu já (em 6 do corrente), em Assembleia Geral dos sócios-fundadores, os primeiros Corpos Gerentes. Seguem os nomes que integram os auspiciosos elencos — e fazêmo-lo menos em registo do que em homenagem aos pioneiros: **Assembleia Geral** — Presidente, Daniel da Silva Cravo Júnior; Vice-Presidente, Amadeu de Oliveira Bela; 1.º e 2.º Secretários, respectivamente, Valdemar de Oliveira Martins e Francisco Pedreiras; **Direcção** — Presidente, prof. Carlos Alberto Lourenço Nunes; Vice-Presidente, Manuel Francisco da Costa; 1.º e 2.º Secretários, respectivamente, Armando Carlos de Almeida e Antero de Oliveira Dias; Tesoureiro, Vítor Manuel Dias dos Santos; Vogais, Albertino Simões e Arménio Espinhal; **Conselho Fiscal** — Presidente, António da Conceição da Silva; Vice-Presidente, Acílio dos Santos Pato; Secretário-Relator, António Francisco Moreira. O Comandante, cujo nome foi sancionado, pelo Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte, em 30 de Março último, é António Mário Moreira Bastos — e toma hoje posse do responsabilizante cargo, em sessão solene que terá lugar, às 17.30 horas, no salão nobre da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro. De um ofício endereçado pelo Presidente da Direcção do novel corpo de Bombeiros à Comissão Directiva e Executiva dos B.D.A. extratamos, devidamente autorizados, as seguintes passagens: «Vive a população do Concelho, mormente os elementos fundadores, momentos de verdadeira alegria pela criação da sua Associação Humanitária. E não queria esta Direcção deixar de ter a honra de o comunicar a V. Ex.as e, ao mesmo tempo, agradecer mui reconhecidamente toda a interessada colaboração prestada aos elementos da Comissão Instaladora desta recém-nascida Associação. Essa colaboração, através de contactos constantes, convites, preocupação de integração nos problemas dos B. D. A., etc., teve o condão de não nos deixar perder o entusiasmo manifestado desde a primeira hora. Sofremos alguns graves momentos de incompreensão, donde menos o esperávamos. O desalento surgiu, é certo, mas, com o apoio de V. Ex.as, reagimos renovando todas as esperanças. A todos V. Ex.as apresentamos as nossas mais sinceras homenagens. Pretendemos, de ora avante, ter a honra de ser incluídos no movimento unitário dos B.D.A. e abraçar também o lema 'Queremos ser um só para melhor servir a todos'».

Bombeiros de S. João da Madeira: quase meio século de operosa vivência

Amanhã, 28, a «Associação Humanitário dos Bombeiros Voluntários de S. João da Madeira» comemora, com singelo mas expressivo programa, o seu 48.º aniversário. No dia 1 de Maio próximo, o «Rotary Clube» local homenageará a prestimosa aniversariante, no decurso de um convívio, para o qual foram também convidados os Presidentes da Mesa de Encontros de Comandos e da Comissão Directiva e Executiva dos «Bombeiros do Distrito de Aveiro». Este último proferirá, ali, uma palestra sobre «O Serviço Gratuito na Hierarquia dos Valores Sociais».

Continuações da última página

Sucedeu, porém, que o Beira-Mar realizou igualmente exibição altamente meritória — em que haverá de relevar-se, sem menosprezo para os restantes, a actuação do guarda-redes Januário (em noite de muito fulgor, em que defendeu, inclusive, dois penalties!) e de Helder e Toy, autênticas «gazuas» a abrir a defesa contrária e a fazer golos.

Assim, com toda a naturalidade e com brilhantismo que os próprios adversários reconheceram, aplaudindo-os, muito desportivamente, no termo do encontro, os beiramarenses (em que se estreou o júnior Nuno) obtiveram novo triunfo, fortalecendo a sua invejada situação de guia da prova. Ao intervalo, 8-3.

A arbitragem é que foi apenas sofrível — cometendo os juízes de campo erros de vulto, sem, contudo, interferirem no resultado do prélio.

afoitos, mais velozes e mais empreendedores. Foi, porém, rebate falso. E os intentos de assegurarem o êxito, fortalecendo o avanço com outro (ou mais...) golo(s), quedou-se aí.

Foi então que o Beira-Mar, que vinha a bater-se, desde sempre, com admirável sentido de entre-ajuda, denotando forte coesão na defensiva, muito esclarecimento no «miolo» do campo e elogiável sentido prático, em ataques velozes e venenosos, entrou decisivamente no seu melhor momento e passou a comandar as operações.

Aos 55 m., Edson entrar para o posto de Adé, dando outra agressividade às ofensivas locais; e, logo aos 58 m., surgiu — com naturalidade — o tento da igualdade. Cleo, em arrancada poderosa, infiltrou-se e, na hora exacta, tocou a bola para a esquerda, onde ALEMÃO progrediu uns metros e atirou, sesgado e com força, batendo Damas, que terá metido mal as mãos ao esférico (traído por qualquer ressalto no relvado ou surpreendido pelo inesperado e pela força do remate...).

O Sporting ficou perturbado, não surtindo efeito as tentativas (carecidas de apoio e de profundidade) que, este ou aquele jogador, em lances de cunho pessoal, tentaram para alterar o empate. Até final, a baliza de Arménio jamais esteve em perigo real!

Ao invés, o Beira-Mar, mais incisivo, mais ameaçador e mais rematador — fez jus ao triunfo, que se lhe negaria, de modo nítido, aos 75 m., quando, sob passe de Alemão, Edson se isolou e rematou contra a barra transversal! Seria o golo do triunfo — que não teria escandalizado, caso viesse a concretizar-se.

Notas ainda dignas de registo: mais uma substituição para cada lado: no Sporting, ao 70 m., Chico ocupou a vaga de Baltasar; e, no Beira-Mar, aos 77 m., Colorado veio para jogo, saindo o defesa Carlos Marques e recuando Almeida para esse posto. E um cartão-amarelo para cada equipa — aos 74 m., no mesmo lance, para o beiramarense Carlos Marques e para o sportinguista Manaca, em nosso entender, com exagero (de parte do árbitro), no que toca ao lisboeta...

Nomes em evidência: Inguila, José Júlio, Cleo, Ramalho, Almeida, Alemão e Soares, no Beira-Mar; e Dinis (enquanto jogou era o melhor da sua turma!), Manaca, Baltasar, Carlos Pereira e Vagner, no Sporting.

O árbitro não esteve em tarde feliz. Com maus auxiliares, em especial o «bandeirinha» que actuou junto à bancada, sr. Carlos Gomes, que cometeu erros em série ao assinalar foras-de-jogo indevidamente, o sr. Saldanha Ribeiro produziu trabalho inferior à categoria que se lhe reconhece. Falha de vulto, a impunidade da falta que Damas cometeu sobre Edson (86 m.), placando-o e fazendo-o rodopiar, em forte puxão pela camisola e pelo braço, quando o avançado aveirense se esgueirava para a área. É bem verdade, que o árbitro tinha assinalado já deslocação; mas o que não sofre contestação é que o gesto de Damas (nervos a mais e à flor da pele, por certo...), merecia, pelo menos, «cartão amarelo»...

★ PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 35 DO «TOTOBOLA»

5 de Maio de 1974

1 — **Académica — Sporting** 2
2 — **Olhanense — Benfica** 2
3 — **Barreirense — Guimarães**...... 1
4 — **Setúbal — Porto** 1
5 — **Boavista — Montijo** 1
6 — **Leixões — C.U.F.** X
7 — **Belenenses — Farense** 1
8 — **Oriental — Beira-Mar** 2
9 — **Gil Vicente — Penafiel** X
10 — **U. Coimbra — Fafe** 1
11 — **Sanjoanense — Braga** 1
12 — **C. Piedade — Almada** 1
13 — **Odivelas — Torriense** X

na capacidade de remate — podendo até dizer-se que o guarda-redes Mário, com um punhado de intervenções de vulto, terá evitado derrota mais expressiva.

Certo, portanto, o excelente e oportuníssimo êxito dos beiramarenses.

Nota de aplaudir: a saudação final que os sanjoanenses tributaram aos auri-negros, quando estes recebiam, igualmente, merecida e quente ovação do público.

A arbitragem foi credora de nota positiva. O sr. Vitorino Gonçalves, de entrada, suspendeu (acertadamente) por dois minutos um elemento de cada turma (Artur e Carlos Ferreira); depois, já no segundo tempo, também por dois minutos, de Marcelino. Este, em nosso entender, o seu lapso de maior vulto.

Campeonato Nacional da I Divisão

OS LOCAIS MAIS PERTO DO TRIUNFO...

BEIRA-MAR, 1
SPORTING, 1

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Saldanha Ribeiro, coadjuvado pelos srs. Carlos Gomes (bancada) e Domingos Galaio (superior) — todos da Comissão de Leiria.

As equipas:

BEIRA-MAR — Arménio, Ramalho, Inguila, Soares e Carlos Marques; José Júlio, Cleo e Bábá; Adé, Alemão e Almeida.

SPORTING — Damas; Manaca, Bastos, Alhinho e Carlos Pereira; Vagner, Nelson e Baltasar; Màrinho, Yazalde e Dinis.

Substituições — no Beira-Mar, aos 55 m., entrou Edson e saiu Bábá; e, aos 77 m., Colorado rendeu Carlos Marques, recuando Almeida para defesa esquerdo. No Sporting, aos 30 m., Dé ocupou o posto de Dinis; e, aos 70 m., Chico rendeu Baltasar.

●

Novo dia grande, em Aveiro. Mais um «Dia do Clube» e outra enchente, no domingo passado, no Estádio de Mário Duarte — porventura a maior da época e a maior «renda» de sempre, dado o interesse suscitado pela visita do Sporting, guia da prova, que se fez acompanhar de dilatada e ruidosa e colorida falange de apoio — com adeptos vindos não só da capital, como também de diversos pontos do País, em especial das Beiras, do Distrito de Aveiro e do Norte.

O desafio, até por se irem defrontar o último (que era e continua a ser o Beira-Mar) e o primeiro (que era e continua a ser o Sporting), tinha imensos motivos de interesse e, no geral, correspondeu ao que se aguardava, do ponto de vista da emoção, que durou até ao derradeiro minuto.

Foi, de facto, uma pugna cuja decisão se rodeou de incerteza até aos momentos finais — com qualquer dos grupos inconformados com a igualdade, que viria a prevalecer.

E devemos dizer, desde logo, que o empate acabou por ser desfecho lisonjeiro para os comandantes que, tanto por insuficiências e erros próprios, como por evidente mérito dos seus antagonistas, não conseguiram traduzir, dentro do relvado, a superioridade que se lhe reconhece e o favoritismo que se lhe atribuía.

A turma «leonina», sentindo agora fugir-lhe o avanço amplo de que usufruiu, em dado momento, e sabendo bem que não poderá deixar-se igualar pelo seu mais directo e velho rival, mostrou-se como que traumatizada, ainda, pelo desaire que, no seu próprio Estádio de Alvalade, sofrera ante o Benfica. Para mais, quis-nos parecer que Yazalde, o perigoso ariete dos «leões», se apresentou em condições físicas precárias — tendo alinhado como que para impôr respeito, para meter medo nos seus contrários. E isso não bastou, não foi suficiente, uma vez que, ao ataque (aliás, como no sector intermédio e, também, no extremo-reduto, — aquele, a mostrar falta de talento para modificar um processo de jogar improdutivo, esteriotipado, sempre o mesmo...; este, a claudicar na marcação homem-a-homem...), o Sporting esteve alguns furos abaixo (bastantes!), do que seria de esperar e de exigir a uma equipa que deseja ser campeã.

Ora acresceu a tudo isto que, à passagem da meia-hora, os «leões» sofreram baixa importante, quando Dinis, em choque violento com o seu colega Baltasar, ficou impossibilitado de continuar em campo. O magnífico extremo leonino, que vinha a salientar-se como o avançado mais esclarecido e mais diligente (e o único que, pela sua facilidade de **dribling** curto e pelo seu sentido de infiltração) poderia bater a defesa aveirense, sempre atenta, oportuna nos cortes e decidida e valente nas suas intervenções), constituiu baixa de tomo, irreparável, pese a boa-vontade do seu substituto, o brasileiro Dé, que apenas foi esforçado e combativo.

●

A partida, jogada em ritmo algo lento, aproximava-se do termo da primeira parte, quando, em período de justa compensação para o tempo gasto quando se prestou assistência a Dinis (o angolano, que só perto de quarenta minutos depois do choque com Baltasar começou a recuperar os sentidos e a fala, teve de ser transportado em ambulância para Lisboa), o Sporting se colocou em vencedor. Passavam 47 minutos do início do prélio. Após reposição (demorada...) de bola pela lateral, Màrinho esgueirou-se, pelo flanco direito e tirou um centro, por trás de Inguila, assim impossibilitado de cortar o lance; e, no lado oposto, YAZALDE surgiu, oportuno, a fazer o golo — dando-nos a impressão de que o argentino terá sido feliz, porquanto lhe saiu um toque ligeiro, enganoso para Arménio, e vitorioso, para a sua turma (e na sua corrida pessoal para o **record** de marcadores do nosso Campeonato Nacional e para a «bota de ouro»), por ter falhado, como pretendia, um remate em força... força...

●

Animados por este sucesso, os lisboetas regressaram do balneário com outra disposição — parecendo mais

Continua na penúltima página

CAMPEONATO NACIONAL

II DIVISÃO — ZONA NORTE

Fase Final — 7.ª jornada

B.-MAR — Ac.ª S. Mamede . . . 19-11
C.D.U.P. — Infesta 19-12
Braga — Maia 15-16

Jogo em atraso (4.ª jornada)

C.D.U.P. — Braga 12-11

Classificação	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
BEIRA-MAR	7	6	0	1	131-95	19
C.D.U.P.	7	4	0	4	110-98	15
Maia	7	4	0	3	138-140	15
Ac.ª S. Mamede	7	3	1	3	103-98	14
Braga	7	3	0	4	106-113	13
Infesta	7	0	1	6	81-111	8

Jogos para esta noite

Ac.ª S. Mamede — C.D.U.P.
Maia — BEIRA-MAR
Infesta — Braga

BEIRA-MAR, 19
AC.ª S. MAMEDE, 11

Jogo na noite de sábado, no Pavilhão do Beira-Mar, sob arbitragem dos srs. Jerónimo Gouveia e Fernando Pinto, da Comissão do Porto.

As equipas:

BEIRA-MAR — Januário, Helder (5), Lacerda (4), Oliveira, António Carlos, Ulisses (2), David, Toy (6), Alex (1), Rui e Sérgio.

ACADÉMICA S. MAMEDE — Guimarães, Alberto (1), Araújo (6), Guedes II (1), Baptista, Remelhe (3), Parada, Mendes, Duarte, Guedes III e **Augusto.**

Encontro sumamente agradável, com êxito indiscutível dos beiramarenses — ao máximo valorizado pela circunstância de ter sido alcançado sobre uma também excelente equipa.

De facto, a Académica de S. Mamede (que, em Aveiro, jogava a sua derradeira **chance** com vista à conquista do primeiro lugar, a que poderia aspirar, em caso de triunfo) bateu-se com admirável **élan** — com muita coesão e muito entendimento, a defender, e com um contra-ataque muito eficiente, rápido e deveras produtivo.

Continua na penúltima página

ARQUIVO

Resultados da 27.ª jornada:

BEIRA-MAR — SPORTING . 1-1
BENFICA — ACADÉMICA . 5-0
GUIMARAES — OLHANENSE 3-1
PORTO — BARREIRENSE . 1-0
MONTIJO — V. SETÚBAL . 0-3
C.U.F. — BOAVISTA . . . 0-0
FARENSE — LEIXÕES . . 2-0
ORIENTAL — BELENENSES 2-3

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	27	20	3	4	85-20	43
Benfica	27	19	4	4	55-20	42
V. Setúbal	27	18	5	4	63-18	41
Porto	27	17	6	4	39-18	40
Belenenses	27	14	6	7	49-33	34
Guimarães	27	10	9	8	33-28	29
C.U.F.	27	8	9	10	30137	25
Farense	27	8	8	11	31-31	24
Boavista	27	8	6	13	28-38	22
Olhanense	27	8	5	14	34-57	21
Académica	27	8	5	14	27-41	21
Barreirense	27	6	8	13	18-34	20
Oriental	27	9	1	17	31-74	19
Montijo	27	6	6	15	31-54	18
Leixões	27	7	3	17	31-54	17
BEIRA-MAR	27	5	6	16	29-57	16

Próxima jornala — 5/Maio:

ACADÉMICA — SPORTING (0-3)
OLHANENSE — BENFICA (1-4)
BARREIR. — GUIMARAES (0-0)
SETÚBAL — PORTO (0-2)
BOAVISTA — MONTIJO (2-2)
LEIXÕES — C.U.F. (3-0)
BELENENSES — FARENSE (1-2)
ORIENTAL — BEIRA-MAR (3-2)

AVEIRO *nas* PROVAS FEDERATIVAS

● II DIVISÃO — Zona Norte

Resultados da 30.ª jornada

Penafiel — U. Coimbra . . . 0-0
OLIVEIRENSE — Varzim . . 2-1
Famalicão — LUSITANIA . . 0-0
Braga — FEIRENSE 5-0
Salgueiros — Gil Vicente . . 1-0
Chaves — Riopele 1-1
Gouveia — Tirsense 0-2
ESPINHO — Aves 5-0
LAMAS — Vilanovense . . . 0-1
Fafe — SANJOANENSE . . . 4-0

Classificação — Fafe, 39 pontos. ESPINHO, 38. Penafiel e SANJOANENSE, 37. Braga e Tirsense, 36. Chaves, 35. União de Coimbra e Varzim, 34. LUSITANIA, 33. Salgueiros, 32. Riopele, 31. Famalicão, 28. Vilanovense, 27. FEIRENSE, 26. Gil Vicente, 25. OLIVEIRENSE, 23. LAMAS, 20. Aves, 14. Gouveia, 13.

Lamas e Famalicão continuam com menos um jogo.

● III DIVISÃO — Zona Norte

ZONA A — 27.ª jornada

PAÇOS BRANDÃO — Vizela . 5-1

O Régua comanda, com 42 pontos, situando-se os brandoenses em 12.º lugar, com 24 pontos.

ZONA B — 27.ª jornada

ANADIA — Febres 3-0
Penalva — OVARENSE . . . 1-1
Lousanense — CUCUJAES . . 1-4
Naval — OLIV. DO BAIRRO . 3-1
Marialvas — VALECAMBREN. 1-0
Mortágua — ALBA 1-4

O Alba é **leader** e soma 43 pontos; Ovarense e Cucujães (38) partilham o 3.º lugar; Oliveira do Bairro (34) é o 5.º; Anadia (31) segue em 8.º; e Valecambrense (29) segue em 10.º.

CAMPEONATO NACIONAL

I DIVSÃO — ZONA NORTE

Resultados da 2.ª jornada

Académico — Infante Sagres 4-4
BEIRA-MAR — Oliveirense . 6-5
Porto — Vigorosa 22-1
Valongo — Carvalhos . . . 2-2
Sanjoanense — Fânzeres . . 9-4

Resultados da 3.ª jornada

Vigorosa — Académico . . . 1-9
Infante Sagres — Oliveirense 14-5
Carvalhos — Porto 3-6
Fânzeres — Valongo 2-3
BEIRA-MAR — Sanjoanense . 5-2

Classificação	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Porto	3	2	1	0	33-9	8
Académico	3	2	1	0	17-8	8
Valongo	3	2	1	0	10-7	8
Inf. Sagres	3	1	2	0	23-14	7
BEIRA-MAR	3	2	0	1	14-14	7
Sanjoanense	3	1	1	1	14-12	6
Fânzeres	3	1	0	2	13-15	5
Carvalhos	3	0	2	1	8-11	5
Oliveirense	3	0	0	3	13-24	3
Vigorosa	3	0	0	3	5-36	3

Próximas jornadas

Segunda-feira, dia 29

Fânzeres — Académico
Carvalhos — Oliveirense
Vigorosa — Infante Sagres
Sanjoanense — Porto
BEIRA-MAR — Valongo

Sexta-feira, dia 1/Maio

Académico — Sanjoanense
Oliveirense — Fânzeres
Infante Sagres — Carvalhos
Vigorosa — BEIRA-MAR
Porto — Valongo

Festival na FIGUEIRA DA FOZ

No passado dia 9, realizou-se na Figueira da Foz, um festival de natação, em que participaram jovens do Ginásio Figueirense e do Sporting de Aveiro — alcançando os «leões» aveirenses as seguintes classificações:

INFANTIS:

Júlia Almeida — 1.ª (25 m. livres) e 2.ª (25 m. costas). Maria João Tinoco — 1.ª (25 m. costas) e 1.ª (25 m. bruços). Pedro Laffont — 1.º (25 m. livres, 2.º (25 m. bruços). Rui Cester Costa — 1.º (25 m. bruços). Pedro Lemos — 3.º (25 m. bruços). João Campos — 4.º (25 m. livres) e 4.º (25 m. costas). António Romão — 5.º (25 m. livres) e 3.º (25 m. costas). João Pedro Dias — 6.º (25 m. livres) e 5.º (25 m. costas). Ramiro Terrível — 1.º (25 m. costas). Fernando Leite — 2.º (25 m. costas).

JUVENIS:

Carlota Carneiro — 1.ª (50 m. livres) e 1.ª (50 m. bruços). Luísa Belo — 2.ª (50 m. livres) e 4.ª (50 m. bruços). Mariana Sacchetti — 2.ª (50 m. costas) e 3.ª (50 m. bruços). Maria João Tinoco — 2.ª (50 m. bruços). José Eduardo Barbosa — 1.º (50 m. livres) e 1.º (50 m. costas). Mário Burmester — 3.º (50 m. livres) e 4.º (50 m. bruços. Pedro Laffont — 2.º (50 m. bruços). Pedro Lemos — 3.º (50 m. bruços).

JUNIORES:

Isabel Gautier — 5.ª (100 m. bruços). Carlota Carneiro — 4.ª (100 m. bruços). Fernando Elísio — 4.º (100 m. livres) e 3.º (100 m. bruços). Jorge Laffont Severino Silva — 1.º (100 m. livres) e 2.º (100 metros bruços). Ernesto Barros — 4.º (100 m. bruços).

BEIRA-MAR, 6
OLIVEIRENSE, 5

Jogo na penúltima sexta-feira, no Pavilhão do Beira-Mar, sob arbitragem do sr. Carlos Pires, coadjuvado pelos srs. Mário Faria e José Calisto, da Comissão de Aveiro.

Alinharam e marcaram:

BEIRA-MAR — Marques, Leitão, Furtado, Marcelino (2) e Artur (2). **Sups.** — José Maria, Tavares (2) e Abel.

Oliveirense — Mário, Armando, Azevedo (2), Alfredo (1) e Micau (1). **Sups.** — Armindo,, Pádua e Raul.

A partida teve emoção a rodos, pelas alterações havidas no marcador — que, na expressão tangencial verificada, não exprime a supremacia dos beiramarenses.

Os visitantes chegaram, com certa fortuna, à vantagem de 2-0 — anulada, antes do intervalo, que se atingiu com 2-2. Depois, o Beira-Mar impôs-se e atingiu 5-2, perdendo, então, larga série de oportunidades para elevar a contagem, por manifesta desfortuna na finalização. Os oliveirenses, porém, num repente e de modo inesperado e feliz, adregaram igualar a 5-5 — com um derradeiro tento marcado pelo «capitão» beiramarense, Tavares, na própria baliza.

A igualdade tornou dramáticos os minutos finais, em que, no entanto, e com inteira justiça, o Beira-Mar conseguiu mais um golo, que valeu o triunfo.

Reprove-se a forma de actuar dos visitantes, sempre muito duros e, por vezes, até abusando de golpes desleais (arremessos dos **stiks** e desvio da própria baliza!) — o que tornou espinhosa e deveras ingrata a tarefa do árbitro, que, envolvido pelos acontecimentos, não teve o desejado «pulso» para se impôr, acabando por cometer alguns deslizes, o mais grave e evidente quando perdoou o **penalty** em que Micau incorreu, quando, de manifesto propósito, fez deslocar a sua baliza, para impedir um golo possível...

BEIRA-MAR, 5
SANJOANENSE, 2

Jogo na segunda-feira, no Pavilhão do Beira-Mar, sob arbitragem do sr. Vitorino Gonçalves, coadjuvado pelos srs. Carlos Alberto e Hortêncio Ramos, da Comissão de Aveiro.

Alinharam e marcaram:

BEIRA-MAR — Marques, Furtado, Tavares (2), Marcelino (1) e Artur (2). **Sups.** — José Maria, Leitão, e Carlos Oliveira.

SANJOANENSE — Mário, Machado, Carlos Ferreira, Eça (2) e Azevedo. **Sups.** — Ramalhosa, Esteves e José da Costa.

Encontro muito bem disputado, em que, após a toada de nítido equilíbrio registada até ao intervalo (conclui-se a primeira parte com a Sanjoanense a ganhar por 2-1), o Beira-Mar se superiorizou, no segundo meio-tempo, tanto na produção de jogo, como (sobretudo)

Continua na penúltima página

CAMPEONATOS DE AVEIRO

No passado fim-de-semana, a Associação de Desportos de Aveiro fez disputar o Campeonato Regional de Juvenis, em atletismo, competição que decorreu com bastante interesse — havendo a salientar o estabelecimento de dois novos **records** regionais, no salto em altura (masculinos) e nos 200 metros (femininos), respectivamente por intermédio de Celso Pinto (Gafanha), com 1,60 m., e Olívia Elvas (Ovarense), com 27,6 s.

Referimos, hoje, apenas e em resumo, os títulos que cada clube conquistou, ficando para outro ensejo o registo dos resultados das várias provas.

Assim, temos que o Grupo Desportivo da Gafanha foi o grande triunfador, nas provas masculinas, apenas não averbando um título (1.500 metros-obstáculos), conquistado pela Sanjoanense; os outros dezasseis foram, todos eles, para atletas do Gafanha (100, 200, 400, 800, 1:500 e 3.000 metros; 110 e 300 metros-barreiras; estafetas de 4x100 e de 4x400 metros; salto em altura; salto em comprimento; triplo salto; lançamento do dardo, do disco e do peso).

Nas competições femininas, a repartição de títulos foi mais parcimoniosa, ficando as vitórias assim distribuídas: Estarreja — cinco (800 e 1.500 metros; 300 metros-barreiras; e estafetas de 4x100 e 4x400 metros); Ovarense — quatro (100, 200 e 400 metros e 110 metros-barreiras).

PROVAS DE VELA

No Campeonato Regional do Norte de «Vauriens», recentemente realizado, o Sporting Clube de Aveiro compareceu — mas apenas com uma tripulação, em consequência de não ter recebido, com a devida antecedência, comunicação da Associação da Classe «Vaurien» sobre a realização das regatas.

Os leões aveirenses obtiveram o 1.º, o 11.º e 4.º lugares, com a tripulação constituída, inicialmente, por Filipe Fonseca, Jorge Laffont e Severino Silva, mas em que o «proa» foi substituído, respectivamente, por Delmar Conde (segunda regata) e Pedro Lafront (terceira regata).

XADREZ DE NOTÍCIAS

● Em consequência da interdição do Campo do Forte da Barra, foi marcado para amanhã, pelas 16 horas, no Estádio de Mário Duarte, o desafio Gafanha-Mealhada, do Campeonato Distrital da I Divisão da Associação de Futebol de Aveiro.

● A contar para as «Taças Distrito de Aveiro», em hóquei em patins — competições que se concluirão estes fim-de-semana — realizaram-se, no sábado e domingo passados os jogos cujos resultados adiante registamos:

INFANTIS (5.ª jornada) — Oleiros, 0 — Ovarense, 7 e Sanjoanense, 1 — — Alba, 12. INICIADOS (6.ª jornada) — Curia, 5 — Oliveirense, 3; Alba, 0 — Sanjoanense, 12; e Ovarense, 11 — — Mealhada, 1. JUVENIS (5.ª jornada) — Sanjoanense, 12 — Anadia, 1 e Oliveirense, 5 — Alba, 2. JUNIORES (5.ª jornada) — Curia, 2 — Lamas, 0.

Nos jogos de basquetebol dos torneios de apuramento para os campeonatos nacionais, apuraram-se os seguintes desfechos:

Em Aveiro — No sábado, Vasco da Gama — Académica, 44-43 (juniores); e Porto — Académica, 48-45 (juvenis). **Em Sangalhos** — Na quarta-feira, Académica — Illiabum, 53-47 (juvenis).

● Os encontros das meias-finais do Torneio de Futebol de Salão das «Olimpíadas Bancárias» realizaram-se em Ílhavo, no último sábado, finalizando do seguinte modo (ambos após prolongamento):

Atlântico, 4 — Borges, 3 e Espírito Santo, 5 — Ultramarino, 1.

● Num jogo da «Taça de Portugal», em basquetebol (turmas masculinas), o Sangalhos derrotou o C.D.U.P., pela marca de 68-55 — pelo que os bairradinos prosseguem na prova.

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

AVEIRO, 27 - Abril — 1974

ANO XX - N.º 1009 - AVENÇA

Exmº Sr
João Sarabando